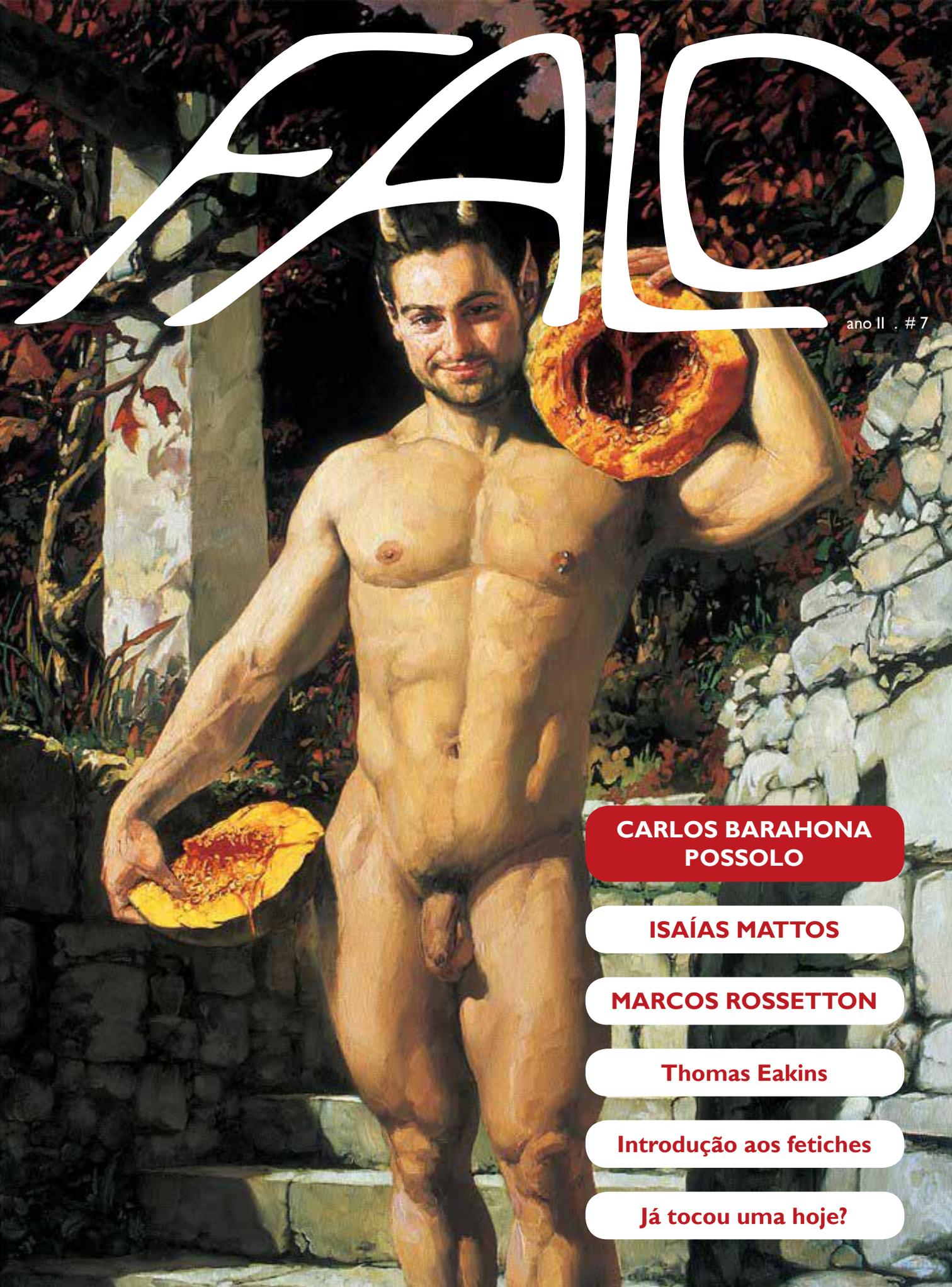


FALO

ano II . # 7



**CARLOS BARAHONA
POSSOLO**

ISAÍAS MATTOS

MARCOS ROSSETTON

Thomas Eakins

Introdução aos fetiches

Já tocou uma hoje?

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, André
Guimarães, Guilherme Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *O fauno do outono*, óleo sobre tela de Carlos
Barahona Possolo, 2006.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.

Editorial

Realidade. Fantasia. Realismo.
Fetichismo. Essa é uma das
dicotomias que essa edição se
propõe a vasculhar, misturar,
escancarar. Isso se dará através
dos artistas que brincam nessas fronteiras
em obras cheias de metáforas e novos
olhares; através da história da Arte e
experimentações fundamentais sobre o
corpo na arte; e através dos artigos e das
perguntas que falam de masturbação e
fetichismo.

A outra dicotomia é Brasil e Portugal,
uma relação histórica de descobrimento,
colonização, independência, amizade e
redescobrimto. Aqui se dá não só no artista
de capa – o português Carlos Barahona
Possolo – ou no uso de idioma semelhante,
mas, principalmente na sessão *Falo em Foco*,
onde destaco a obra seminal de Antonio
Manuel, *Corpobra*.

Antonio Manuel nasceu em Portugal no ano
de 1947 e veio para o Rio de Janeiro, em 1953.
Desde cedo estudou arte com importantes
nomes do cenário artístico brasileiro da época.
Em 1970, para o 19º *Salão de Arte Moderna* do
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
(MAM/RJ), propôs o trabalho *O corpo é a obra*,
onde seu próprio corpo estaria exposto. No
entanto, foi recusado pelo júri.

Então, na noite da abertura da exposição,
Antonio Manuel desceu a escadaria do
museu completamente nu, alternando poses

da linguagem estatutuária clássica. Segundo o
artista, sua ideia foi questionar os critérios de
seleção e julgamento das obras de arte, porém,
estando o Brasil vivenciando o período da
ditadura militar, seu ato passou a ter o caráter
de protesto contra o sistema político, artístico
e social em vigor.

Desse ato efêmero e performático, originou-se
a obra de arte tangível chamada *Corpobra*,
uma caixa vertical de madeira, de dois metros
de altura, com a ampliação de uma foto
da performance do artista. Seu pênis está
censurado por uma tarja preta com a palavra
“corpobra”. A obra foi projetada para haver
uma interação com o espectador: uma alavanca
na parte de trás aciona um mecanismo que faz
baixar uma foto do artista sem censura.

Essa atitude subversiva é também a da *Falo*.
Enfrentamos a censura da sociedade real
que está misturada à sociedade fantasiosa
da internet de forma que é possível eleger
governantes sem capacidade. A existência dessa
publicação é por si só um ato de resistência,
de luta não só contra as máscaras em queda,
mas contra a falta de comprometimento.

Mostrar um livro de 1976 com poesia
homoerótica é aumentar as provas de que o
desejo não começou no século XXI e a arte
aqui nesse país hipócrita vem dando a cara à
tapa faz muito tempo.

E eu vou continuar, mesmo sem dinheiro ou
ajuda. Esse é o meu papel. E o seu?

Filipe Chagas, editor

Carlos Barahona Possolo	4
Isaías Mattos	14
Marcos Rossetton	28
FALO DE HISTÓRIA Thomas Eakins	40
FALO EM FOCO	51
ESPECIAL A origem do mundo	52
FALORRAGIA Justiça com as próprias mãos	58
FALATÓRIO	67
FALOCAMPSE Fetichismo: uma introdução	68
BIBLIOFALO Falo (1976)	80
FALO com VOCÊ	82
moNumento	85

Y, óleo e folha de ouro sobre tela, 2008.

Carlos Barahona Possolo

por Filipe Chagas

É comum termos em mente os grandes mestres dos séculos XV ao XIX quando pensamos em belas pinturas e acabamos nos perguntando para onde foi aquele estilo de pintura figurativa e naturalista após as vanguardas do século passado. Carlos Barahona Possolo é um pintor português que busca essa linguagem a qual ele chama de “acessível a todos”, capaz de ser decodificada em vários níveis.





Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Carlos encontra no corpo humano a expressão da realidade que necessita para o seu trabalho quase fotográfico em uma grande riqueza de cores quentes e sombras sedosas. Assim que estabelece a finalidade, explora profundamente as formas que o inspiram com uma qualidade técnica impressionante:

O corpo humano é um símbolo privilegiado e universal, de imenso potencial expressivo. A modelação geral do corpo é fundamental na definição do carácter duma pintura, enquanto admito variação, já que os estereótipos me assustam. Nunca trato o modelo como um pedaço de carne que serve para chegar a um resultado. Cada pessoa é única e o seu corpo é algo de sagrado. Não incorram no erro de achar que uma pessoa perde alguma dignidade só porque tirou a roupa. Pelo contrário, a pessoa nua ascende ao plano dos Deuses, seja qual for a sua forma física.

Ao lado: *Il punto al qual si traggon d'ogni parte i pesi*, óleo sobre tela, s.d.

Carlos já quis ser paleontólogo, psicólogo e arquiteto. Esses desejos ficam claros na presença marcante da temática mitológica em suas obras. Sua abordagem frequentemente recai sobre passagens, onde deuses, santos e outras criaturas místicas são observados em poses e atitudes inesperadas, muitas vezes quase surpreendidos nas cenas da sua vida privada. A crítica se rendeu à mestria com que pinta a realidade combinada

com a transcendência, a mitologia com a profanação, o físico com o metafísico.

A forte carga simbólica do rosto e das mãos é sempre muito importante para Carlos. Já o falo, ele acredita ser um “território minado”, uma vez que, seja quem for, ninguém fica totalmente indiferente à sua exposição e isso acaba influenciando a apreciação da arte:



Pelops e Poseidon, óleo sobre madeira, 2012.



Baco, óleo sobre tela, 2011.



As especificidades de cada pênis definem um caráter e sua representação traz questões que não aparecem em uma mão ou joelho. Um falo ereto, por exemplo, faz uma ligação imediata e incontrolável ao universo da saúde/potência/libido/luxúria. Assim como ao escrever um texto, escolhe-se uma tipografia adequada, deve-se escolher o formato de falo adequado em um nu masculino, sabendo que todo o mundo reparará nele em primeiro lugar.



Metálico, óleo sobre tela, 2013.

Ciente das dificuldades de se conseguir uma modelo feminina por razões de puritanismo e machismo que limitam a liberdade da mulher (“um homem que se dispa para posar não é considerado ‘de maus costumes’”), sedimentou sua preferência pessoal à estética masculina sem qualquer misoginia. Carlos acredita que os

vícios adquiridos na nossa cultura supervalorizam o pênis, muitas vezes, reduzindo o homem ao membro, enquanto obriga todo o mundo a lhe prestar reverência. Isso só muda com a formação intelectual do espectador e a maior liberação da mulher, a quem se reconhece o pleno direito a gostar de ver homens nus, se for essa a sua preferência.

Não resisto à tentação de chocar, dentro de uma medida cientificamente controlada, para apenas ficar eu mesmo chocado com as reações do público, muito mais perverso que eu, que prova constantemente a ingenuidade dos meus intentos. É fascinante ver como o chocador se torna a coisa chocada. (Em entrevista para a revista Caras, maio de 2011)



Ácido, óleo sobre tela e madeira, 2012.

Nuda veritas
(autorretrato), óleo sobre
tela e madeira, 2002.



12

Desde os 16 anos, quando efetivamente começou a sua formação em Arte, sua dedicação é quase exclusiva à pintura (flerta com a literatura), seja estudando história da arte ou aprendendo técnicas que irão dar mais dramaticidade às suas composições. Em 2016, foi convidado a fazer o retrato oficial do ex-presidente de Portugal, Cavaco Silva, depois de já ter colaborado com os Correios de Portugal e com a *National Geographic*.

Tem como referências artistas figurativos de todos os séculos, como o maneirista Pontormo, o barroco Tiepolo, o simbolista Klimt, o expressionista Schiele, o orfista Kupka, e os contemporâneos Phil Hale e Nicolas Uribe. E, assim como muitos pintores que só ganharam reconhecimento depois de anos, Carlos ainda recusa os chamados de “gênio” e prefere esperar que, com o tempo, o público elabore uma opinião concreta acerca de seu trabalho. **8=D**



Cirurgia plástica para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Modelo: Binho Tombini, 2016.

Isaías Mattos não se vê fazendo arte, mas documentando aquilo que chama a sua atenção. No entanto, credita à fotografia uma vida nova que nem sonhava ser possível. Deixou de ser técnico em contabilidade para fotografar desde paisagens pitorescas de sua cidade natal – Portão, no Rio Grande do Sul – até entrar no “modo comercial para pagar seu vício”, ou seja, trabalhando em eventos corporativos, casamentos, formaturas, 15 anos, batizados, bodas de ouro, diamante, ensaios de família, de gestante, de comida, de moda, de publicidade etc etc etc.

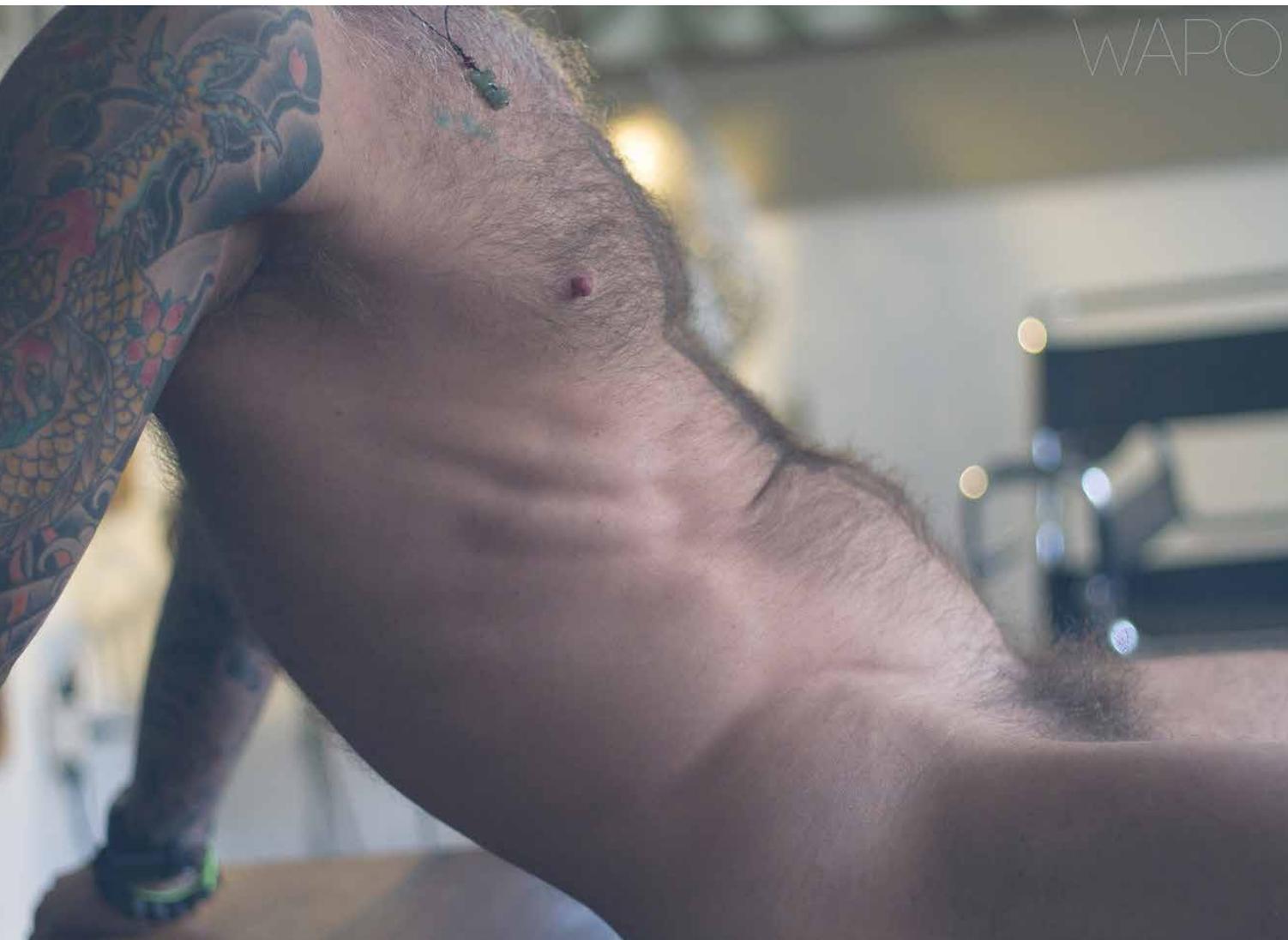
Isaías Mattos

por Filipe Chagas

Como desde muito cedo foi um admirador das formas do corpo masculino, começou a fotografar seus amigos como objeto de estudo. Para mostrar o que mais despertava desejo nele, percebeu que precisava tornar as coisas mais simples:

O homem é um pouco mais retraído pra fotografar. Acho que não faz parte do que a gente conhece por masculinidade o ato de fazer poses, se ver na frente de um espelho, trabalhar a sensualidade. É preciso muito papo pra que eles vejam isso como natural. Então, quando eu chego na casa das pessoas, já vejo como elas são, pergunto qual a melhor luz da casa, o que ela gosta de fazer quando está só... Aí o trabalho flui.

Modelo: Márcio Remião, 2018.





Modelo: Adelino Bilhalva, 2016.

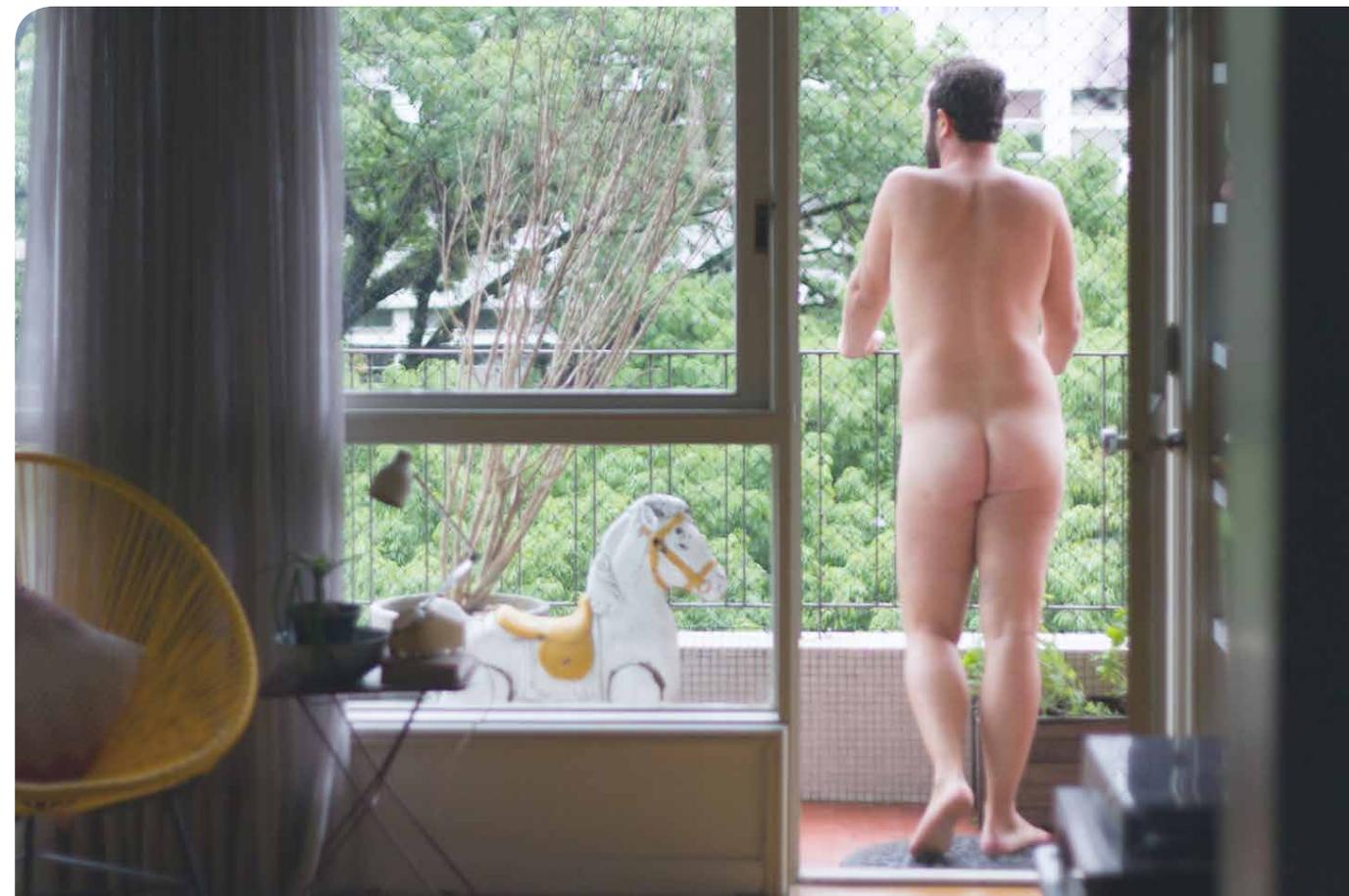


Modelo: Daniel Siqueira, 2016.

Modelo: Matheus Bonez, 2016.



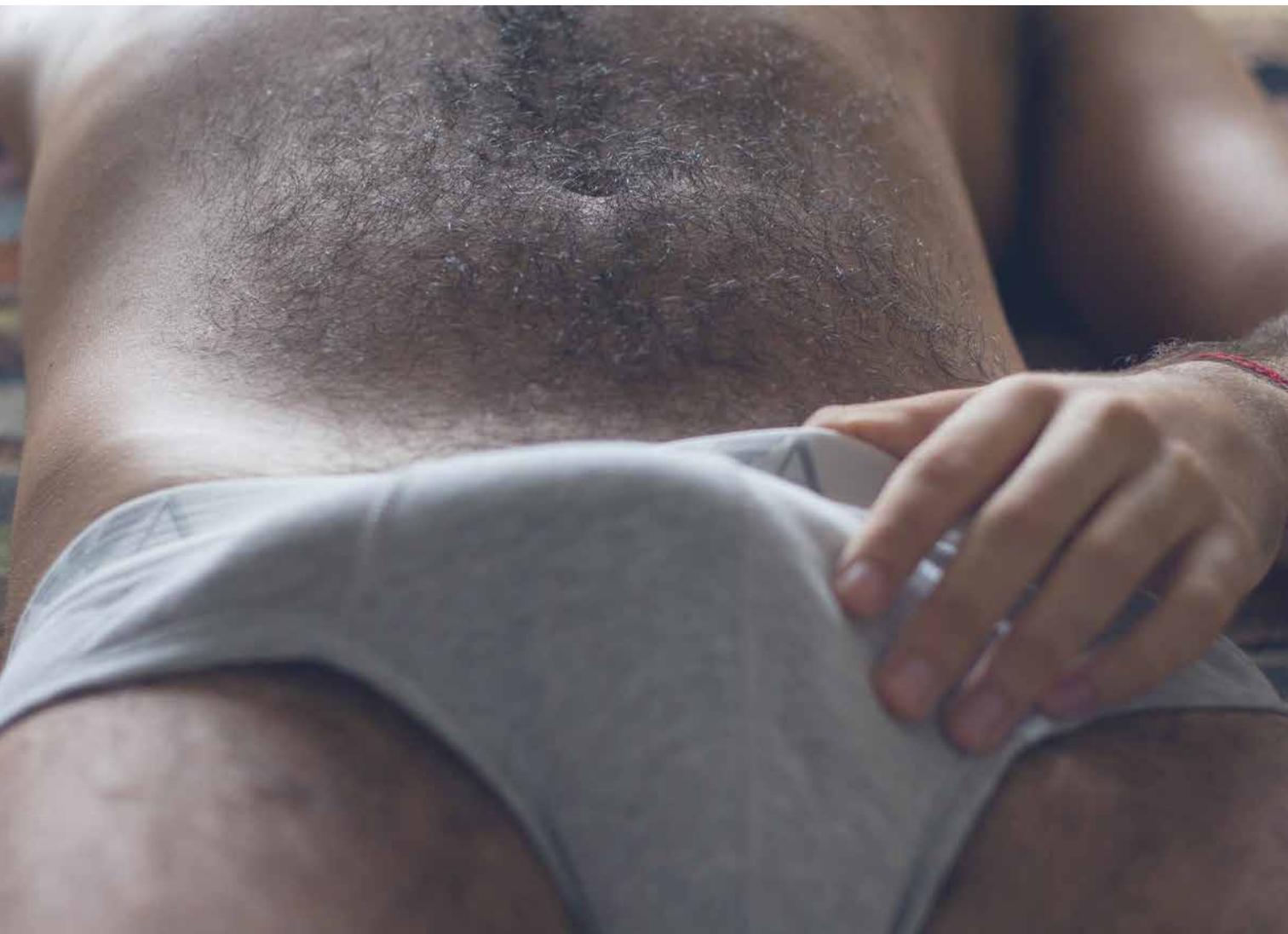
Modelo: Ben, 2018.



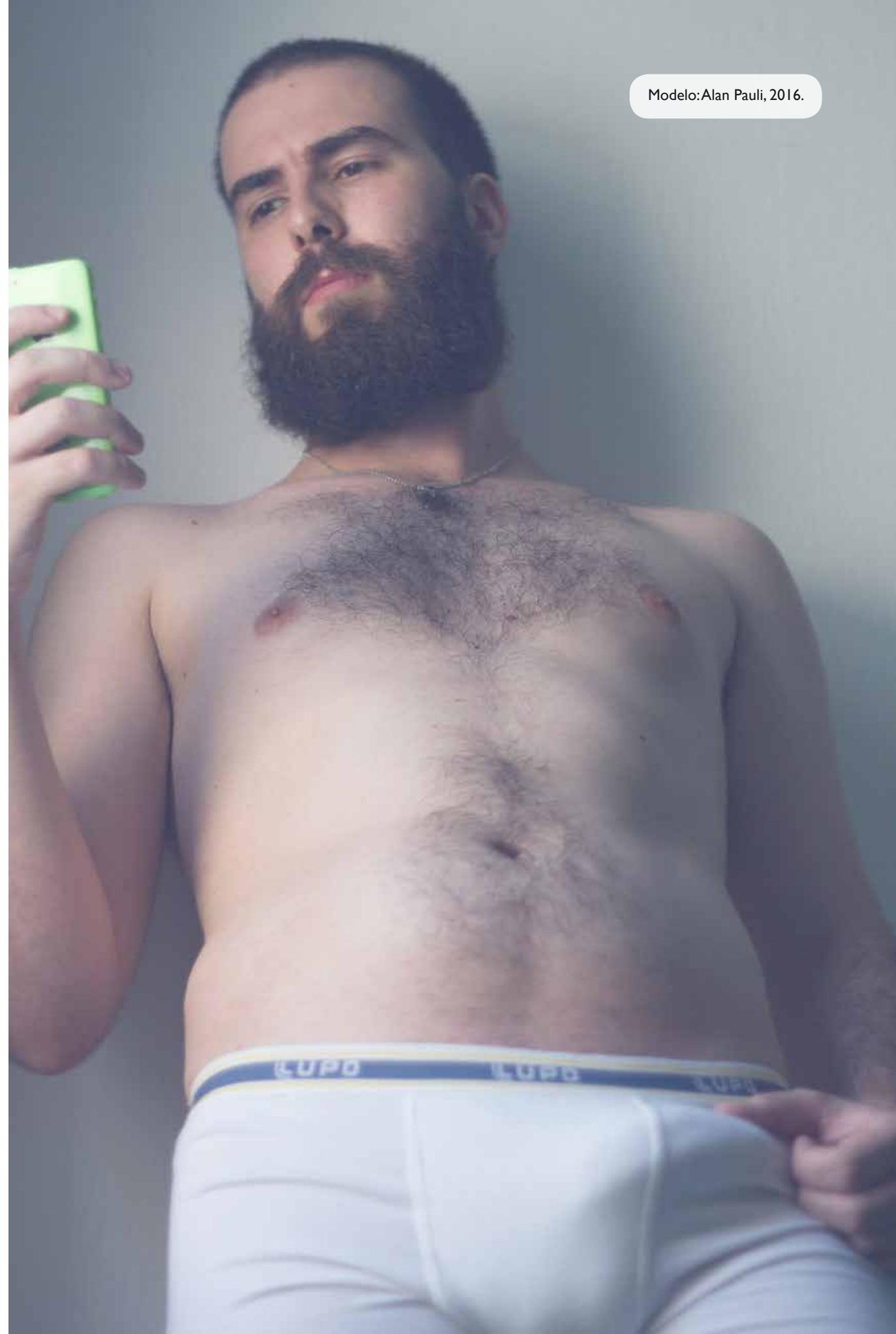
Inspirado pelas fotografias de David LaChapelle e Richard Avedon, Isaías criou, então, o *Projeto Wapo* com a intenção de captar a intimidade masculina e o bem-estar dos retratados em registros puros e simples. O nu frontal não é obrigatório nos ensaios. O pênis aparece sempre por vontade do fotografado, quando ele sinaliza que se sente a fim disso.

Trato isso com normalidade. Na maioria das vezes chego somente até o púbis. Uma ereção mostra que a pessoa se sentiu à vontade para se permitir.

Modelo: Danilo Godoy, 2017.



Modelo: Alan Pauli, 2016.



Um dos pontos mais significativos desse projeto é a diversidade de corpos, é celebrar o corpo em todas as suas possibilidades de formas, cores, pelos e idades. Isaías vê que vagarosamente as pessoas têm mudado a mentalidade e pretende lançar um livro do projeto para que a aceitação ganhe outro tipo de alcance.

Modelo: Washington Fonseca, 2018.



Modelo: Matheus Kray, 2018.



Modelo: Paulo Biagioni, 2018.



Modelo: Rodrigo Vilela, 2016.



Modelo: Marcelo Pianessolla, 2016.



Modelo: Higor Amarante, 2016.



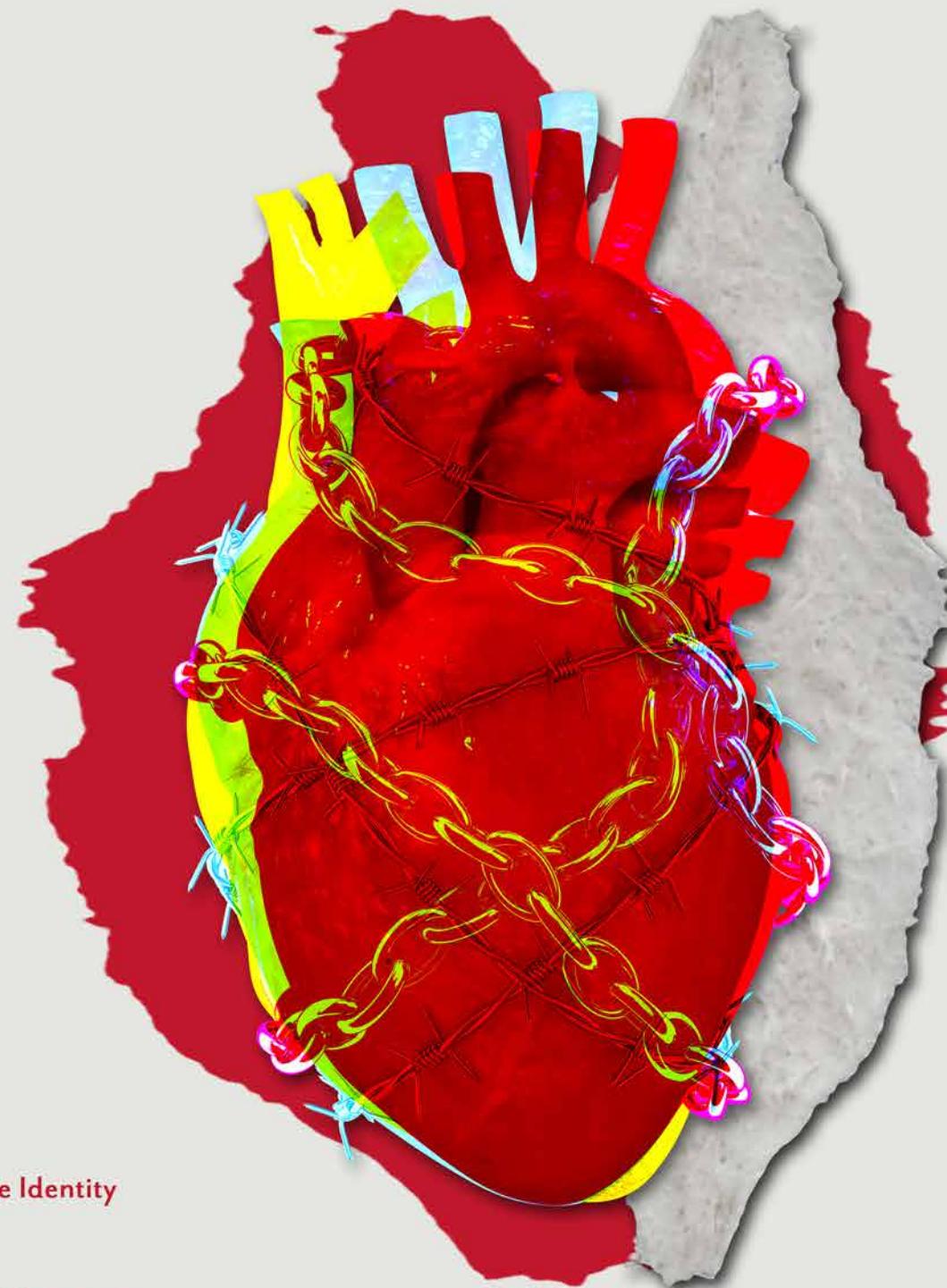
Autorretrato.

Interessante que Isaías parece seguir internamente o mesmo percurso que a fotografia fez no mundo da Arte. Ao surgir, ela era considerada um mero registro documental, porém alterou profundamente os rumos dados à Arte, principalmente à pintura. Foi usada como exercício e referência até entenderem que a fotografia não era somente o resultado ótico de uma máquina, mas sim de uma pessoa com um olhar artístico diferenciado. Depois

de ver as fotos de Isaías, fica claro que mesmo ele não se reconhecendo como um, ele é sim um artista. 8=D



Modelo: Rafael Dambros, 2016.



- Corporate Identity
- Branding
- Prints & Advertising
- Social Medias
- Web
- Magazines, Books & Digital Publishing
- Video Edition
- Photography

Marcos Rossetton

por Filipe Chagas



diferencial do artista autodidata Marcos Rossetton talvez seja usar uma linguagem agressiva ou tema forte e até polêmico para alguns, porém com doçura, poesia e elegância. Seu principal objetivo é investigar o comportamento humano, social e midiático através de um trabalho provocativo que desconstrói objetos e materiais em mensagens antagônicas e subliminares. O humor ácido que se apresenta em suas obras tende a tirar os espectadores da “não inércia” inerente à grande massa social atual.



Série Aplicativos Ativos Intangíveis, objetos escultóricos e fotográficos (2018).

Acima: Medo / Arrojo. Abaixo: Ilusão / Sonho.

Na página ao lado, acima: Agonia / Paz.

Na página ao lado, abaixo: Humor / Pânico.

Uso de metáforas e deslocamentos temáticos e criativos para trazer incômodo ao público. Acredito que a arte é um veículo para mover as pessoas, emocionar, mas também ampliar a análise crítica. Tenho um temperamento visceral no que faço e sou o reflexo do meu tempo, sendo assim, abraço, beijo ou vomito tudo isso nas minhas expressões artísticas e no meu trabalho!

Como forma de ressignificar os fantasmas vivenciados na infância em decorrência da sua orientação sexual, o artista evoca um atributo catarse de libertação na produção de suas peças exorcizando medos e potencializando, com apelo ao ativismo social e LGBTQ+, uma conscientização e respeito às diversidades humanas. Permitindo-se usar de



múltiplas linguagens artísticas como o desenho, a colagem, a fotografia, a escultura e as artes têxteis como o bordado, Rossetton transita entre possibilidades de instrumentalização e expressão. Uma das investigações artísticas e inclinações de pesquisa do artista está no suporte da obra, trazendo para a produção o protagonismo de materiais diferenciados – como o látex e aviamentos têxteis, entre eles, linhas, alfinetes e o próprio tecido – para potencializar a narrativa do campo das ideias criativas.

Uso o bordado como expressão e linguagem atualmente. Entendo como um manifesto de força na poesia dessa atividade num momento e contexto atual tão agressivo, extremista, assim como conservador. Sendo eu, um homem bordando, acho que, no mínimo, desconstruo essa ideia, principalmente porque são bordados mais subversivos! Mas minha investigação também está no suporte, apropriar-se de materiais diversos e não convencionais a la Duchamp!



Ódio. Série Aplicativos Ativos Intangíveis (2018).

Dentro do seu processo criativo, Rossetton elabora uma rotina organizacional pertencente a sua própria trajetória de construção como indivíduo e artista, uma vez que, já se sentiu inseguro por não ter formação acadêmica em artes visuais: fez teatro e balé clássico na adolescência; tornou-se pós-graduado em Criação de Imagem de Moda, publicitário e técnico em vestuário, atua como docente em áreas da criação e estilo. Seu olhar artístico, então, se desenvolve a partir de várias referências, indo de Ernesto Neto e Joana Vasconcelos a Robert Mapplethorpe e Keith Haring, assim como os movimentos surrealista, impressionista e expressionista. Também se inspira nas colagens e brasilidade da artista Beatriz Milhazes, bem como nas artes têxteis de Alexandre Heberle e Renato Dib ou os mais botânicos-orgânicos de Susanna Bauer e Clarice Borian.

O corpo humano – principalmente o masculino – é importante para Rossetton como reconhecimento, identificação e desejo, a partir de sua experiência com os bastidores da moda, das artes cênicas e da dança.

Me interessa por todo o tônus, a silhueta, a beleza humana e masculina de forma geral. Se uso da imagem do órgão genital masculino como símbolo para alguma obra ela se vem para contestar, criar relações e um pensamento crítico. Quebrar paradigmas, desconstruir rótulos e dogmas que não acredito. Como ícone global ele funciona para atingir públicos e pessoas distintas. Crio composições artísticas onde a representatividade conceitual da miscigenação da pele e anatomia humana devem ter aderência na contemporaneidade.



Marcos em seu ateliê.



[TRANS]gressão do estilo Dândi, fotografia bordada. Projeto [TRANS]itoriedade (2017).

Retirar e deslocar da atmosfera oculta e íntima em que habitualmente reside a genitália masculina é para o artista dar liberdade e naturalizar algo que deveria ser aceito sem alarde: a expressão do corpo humano. Por exemplo, quando desenvolveu a série *Miscigenação Peniana*, pensava no hibridismo e nas fusões entre os conceitos e elementos das formas orgânicas vegetais e humanas. Queria contrastar a naturalidade e banalidade do olhar para as plantas com a moralidade pecaminosa dos consolos penianos em um cotidiano simples e poético, rompendo o estigma do objeto fálico e as interpretações equivocadas. Conclui que, por trabalhar com as relações afetivas, até mesmo a repulsa por uma de suas obras com alfinetes e agulhas numa forma fálica é um retorno válido.



Jardim das Delícias 1 e 2, objeto escultórico.
Série *Miscigenação Peniana:Terra* (2019).



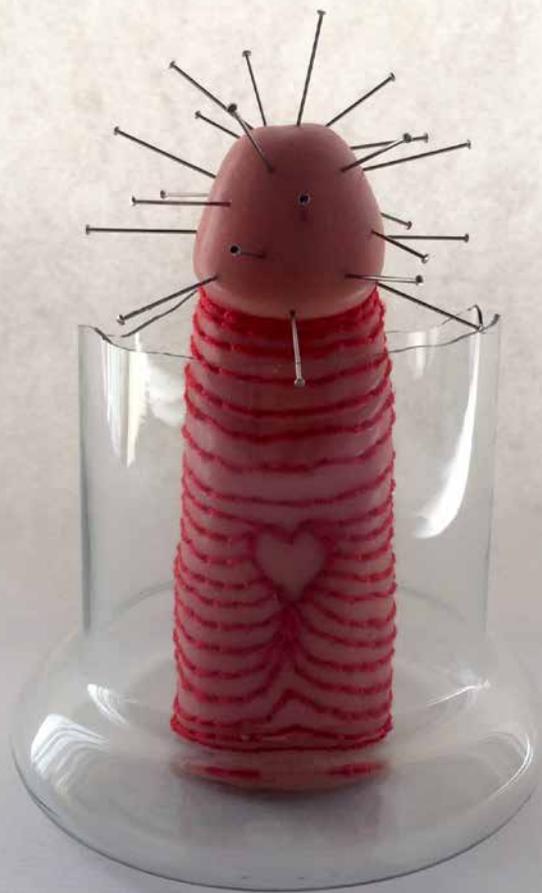
Cacto peniano, objeto escultórico.
Série *Miscigenação Peniana:Terra* (2017).
Acervo do Museu da Diversidade Sexual em São Paulo.



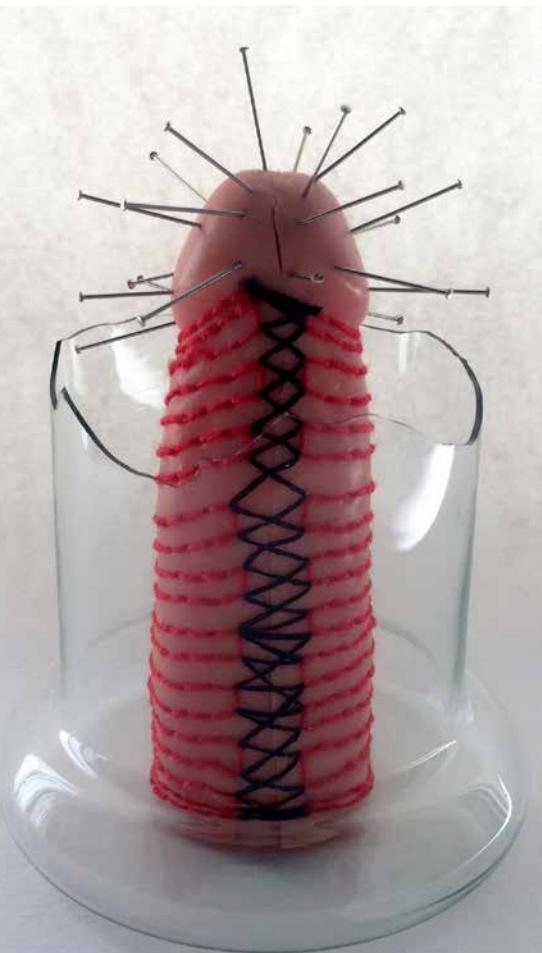
*Isca de tubarão, objeto escultórico.
Série Miscigenação Peniana: Mar (2019).*



*Flower Power 2, objeto escultórico.
Série Bordados SubVersivos (2019).*



Vê o conservadorismo atual como uma questão de contexto social. Em contrapartida, identifica nas artes o poder de contestar e ser um veículo de transformação das linguagens. Atualmente está desenvolvendo uma série intitulada [TRANS]itoriedade com ensaios fotográficos de modelos transexuais para dialogar com identidades plurais de invisibilidade social, e, assim, segue seu próprio conselho em procurar seus pares afetivos, sociais, ideológicos e artísticos: “A união faz a força”. 8=D



Falo sagrado, objeto escultórico (frente e verso).
Série Bordados Subversivos (2019).

4º DIGO 2019

FESTIVAL INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DE GOIÁS
GOIÁS SEXUAL DIVERSITY AND GENDER INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

23 A 29 DE MAIO DE 2019
CINEMAS LUMIERE BANANA SHOPPING
AVENIDA ARAGUAIA, 376, CENTRO, GOIÂNIA-GO

CENSURA 18 ANOS

PROGRAMAÇÃO SEGUE TAMBÉM NO TEATRO SONHUS, ZABRISKIE E NA CASA LIBERTÉ
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO ACESSANDO: WWW.DIGOFESTIVAL.COM.BR @DIGOFESTIVAL

ENTRADA FRANCA PARA TODOS OS FILMES DO FESTIVAL

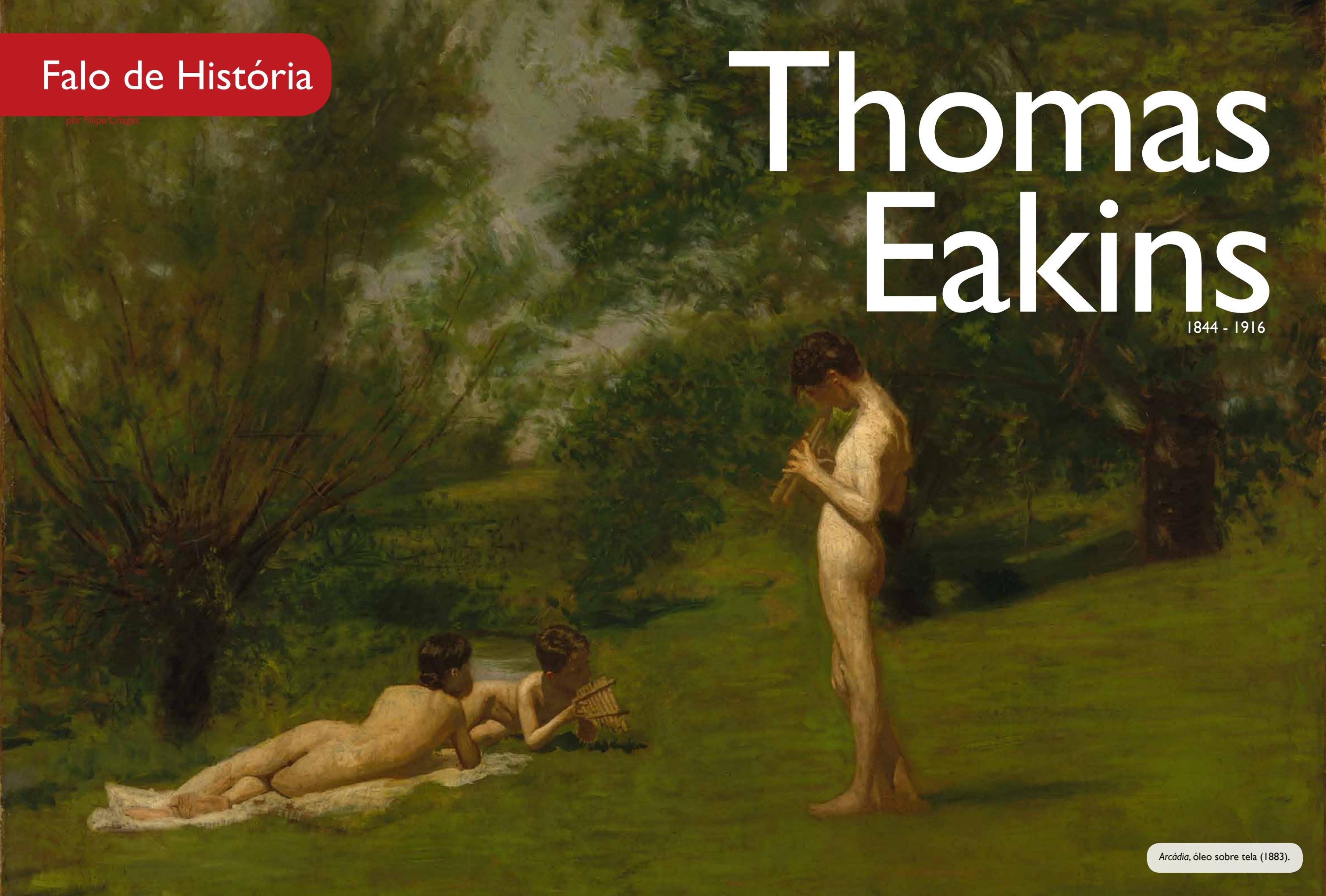


Falo de História

por Filipe Chagas

Thomas Eakins

1844 - 1916



Arcádia, óleo sobre tela (1883).

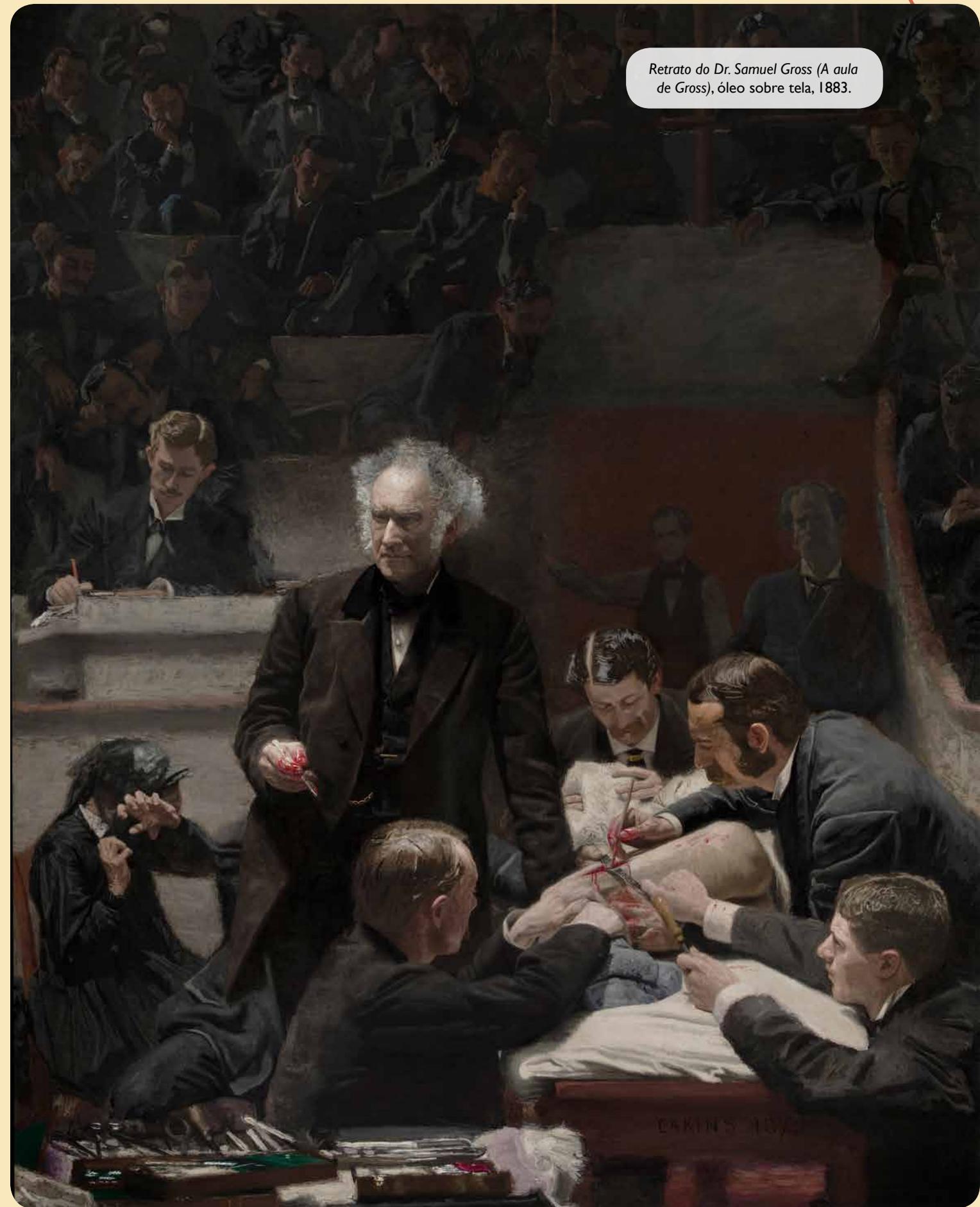
Thomas Cowperthwait Eakins é hoje amplamente reconhecido como um dos artistas mais importantes da história da arte estadunidense na virada do século XIX para o século XX. No entanto, seu trabalho recebeu pouco reconhecimento oficial em vida por causa de comportamentos considerados controversos.

Seu pai fora um mestre de escrita e professor de caligrafia bem sucedido em sua profissão. Eakins observava seu pai no trabalho e, com doze anos, já demonstrava habilidades em desenhos com linhas precisas, perspectiva e o uso de uma malha estrutural para traçar um design cuidadoso. Estudou desenho e anatomia na Academia de Belas Artes da Pensilvânia a partir de 1861, e frequentou cursos de anatomia e dissecação no Jefferson Medical College por dois anos. Seu interesse científico no corpo humano levou-o a considerar se tornar um cirurgião.

Por um tempo, seguiu a profissão de seu pai e foi listado como um “professor de redação”. No entanto, em 1866, Eakins foi estudar artes na França com os realistas Jean-Léon Gérôme e Léon Bonnat e isso determinou seus rumos profissionais, confirmando sua admiração pelo realismo de artistas como Diego Velázquez em uma viagem posterior de seis meses para a Espanha. Em 1869, ao tentar uma grande tela a óleo fora do estúdio, lidou pela primeira vez com as complicações da pintura ao ar livre. Apesar disso, se encantou com as possibilidades formas, cores e movimentos na presença da luz solar.

Embora tenha falhado em se matricular em um programa de graduação formal e não tenha mostrado nenhum de seus trabalhos nos salões europeus, Eakins teve sucesso em absorver as técnicas e métodos dos mestres europeus para formular sua visão artística. Seus primeiros trabalhos após o regresso da Europa incluíram cenas de remo, o que foi um choque para as convenções artísticas acadêmicas. A escolha por um esporte contemporâneo vem de sua juventude atlética, na qual praticou inúmeras atividades e depois instigou seus alunos a fazerem o mesmo em nome do movimento e da figura humana.

Homem nu em pé com flautas, estudo fotográfico para Arcádia, c. 1880.



Retrato do Dr. Samuel Gross (A aula de Gross), óleo sobre tela, 1883.

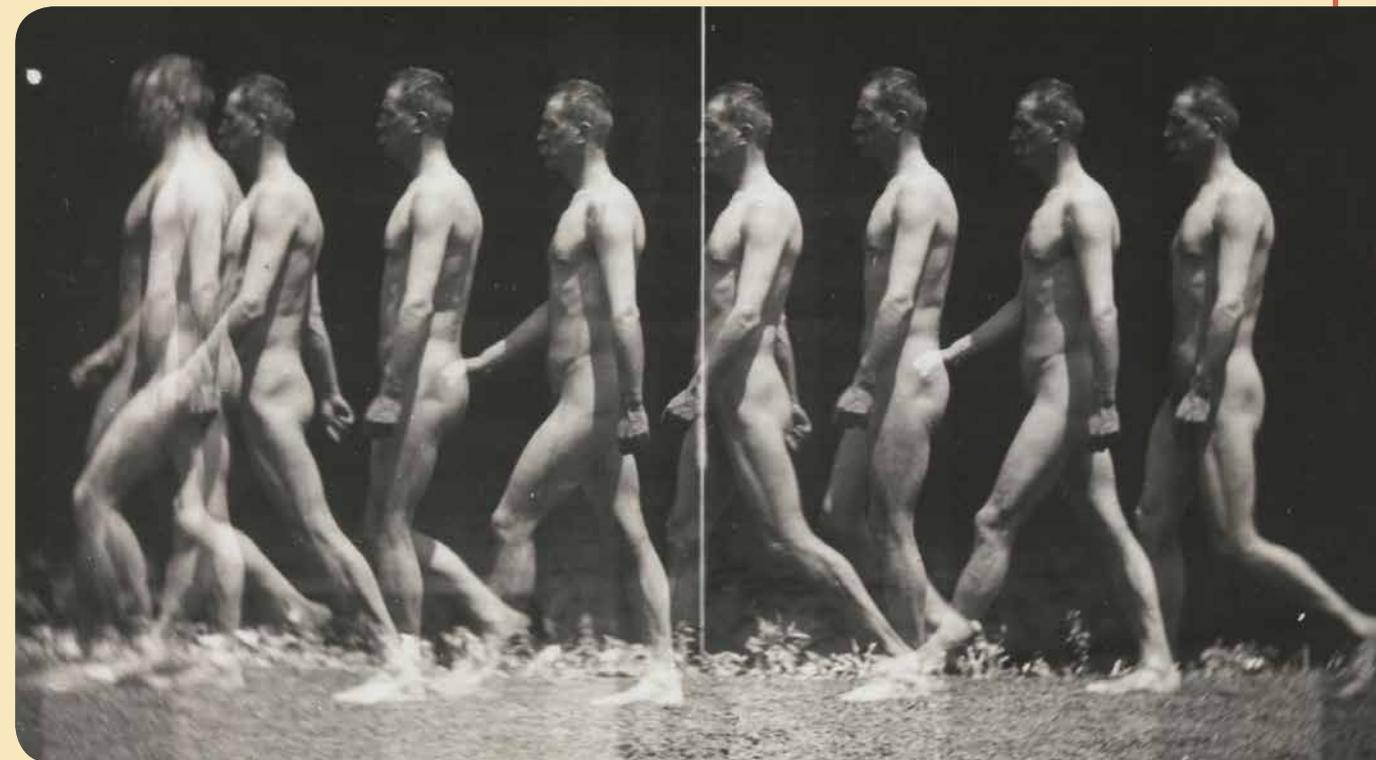


44 Salto duplo, fotografia estroboscópica, 1885.

Ao longo de toda sua carreira, Eakins trabalhou o ser humano como centro temático. Pintou centenas de retratos – geralmente de amigos, membros da família ou pessoas proeminentes na arte, ciência, medicina e do clero –, que em conjunto dão um panorama da vida intelectual da Filadélfia em seu tempo. Deixou claro seu interesse pela pintura realista da figura humana, com destaque para o nu masculino, em uma carta de 1868 para seu pai:

A nudez feminina é a coisa mais linda que existe no mundo, exceto por um homem nu, mas eu nunca vi estudo de algum divulgado... Seria uma dádiva de Deus ver um bom modelo masculino pintado no estúdio com as paredes nuas, ao lado de sorridentes deusas de cera [...].

Eakins também se interessou pelas novas tecnologias da fotografia de movimento de Eadweard Muybridge, chegando a trabalhar com o fotógrafo. Realizou seus próprios estudos de movimento, geralmente envolvendo a figura nua, e até desenvolveu sua própria técnica de captura: enquanto o sistema de Muybridge contava com uma série de câmeras acionadas para



45 Homem andando, fotografia estroboscópica, 1880.

produzir uma sequência de fotografias individuais, Eakins preferiu usar uma única câmera para produzir uma série de exposições sobrepostas a um mesmo negativo, pois estava mais interessado em uma única imagem precisa para traduzir um movimento em uma pintura. Em sua busca por precisão, Eakins usou dispositivos semelhantes à uma mesa de luz para fazer a transcrição detalhada da realidade.

Como professor, Eakins tornou-se uma presença de alta influência na arte americana. Começou a dar aulas em 1876 e chegou à direção da Academia da Pensilvânia em 1882. Seus métodos de ensino eram controversos por ignorarem preceitos clássicos da academia: não havia cópias de antigas obras; os alunos recebiam apenas uma rápida introdução de estudo em carvão, seguido rapidamente de sua iniciação à pintura, a fim de compreender os sujeitos em cores reais o mais cedo possível; e realizou competições premiadas não autorizadas. Em seu interesse na instrução de todos os aspectos da figura humana, Eakins convidou escultores a fazerem peças de gesso de partes dissecadas de corpos humanos (e animais) para auxílio nas aulas. Também encorajou os alunos a usar a fotografia como uma ferramenta para entender a anatomia e o estudo do movimento.

Os nadadores, óleo sobre tela, 1885.

Esta obra apresenta a mais bem-sucedida realização de Eakins sobre o nu em uma imagem de exterior. As figuras são de seus amigos e alunos e incluem um autorretrato (primeira figura à esquerda). Embora haja fotografias de Eakins relacionadas à pintura, a composição piramidal da imagem e a concepção escultórica dos corpos individuais são resoluções pictóricas completamente distintas. O trabalho foi pintado em comissão, mas foi recusado e permaneceu com o pintor.





A chamada “Naked Series”, que começou em 1883, eram fotos de estudantes nus e modelos profissionais que foram tiradas para mostrar anatomia humana real de vários ângulos específicos, e eram frequentemente penduradas e exibidas para estudo na escola. Mais tarde, poses menos disciplinadas foram tomadas dentro e fora de casa, de homens, mulheres e crianças, incluindo sua esposa. Os mais provocantes, e os únicos que combinavam homens e mulheres, eram fotos nuas de Eakins e um modelo feminino (na página seguinte).



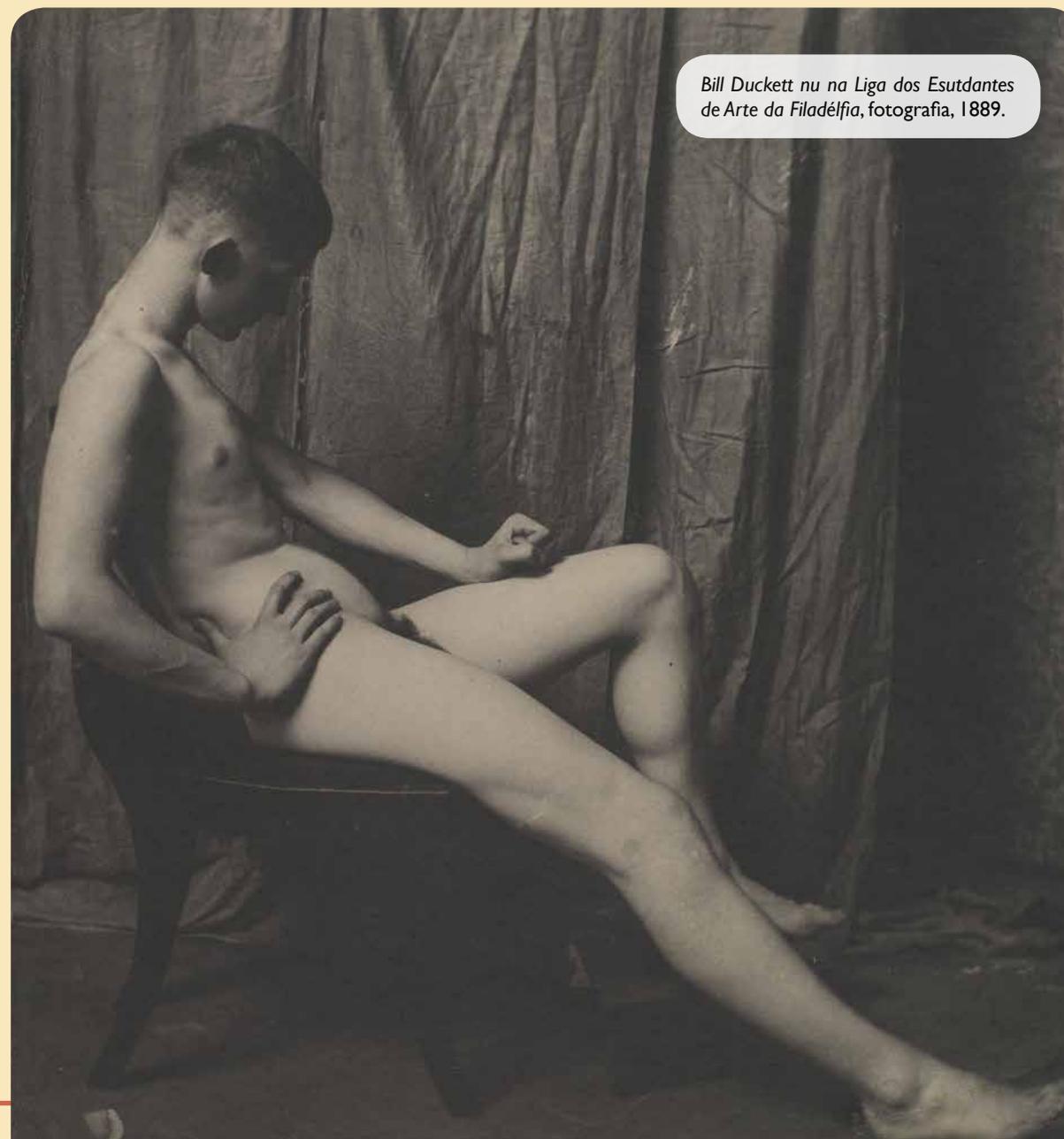
Já que acreditava que as mulheres deveriam “assumir privilégios profissionais” como os homens, permitiu o acesso à modelos masculinos (usando tanga e com acompanhamento) em poses tradicionais, mesmo que mulheres e homens tivessem aulas separadas. Porém, em 1886, foi removido da diretoria ao remover a tanga de um dos modelos masculinos em uma aula para mulheres.

Esse foi somente um dos escândalos que atrapalharam o sucesso de Eakins. Conta-se que, em certa ocasião, uma aluna teria perguntado sobre o movimento da pélvis. Ele a levou para seu estúdio, despiu-se e explicou da melhor forma que sabia: mostrando em

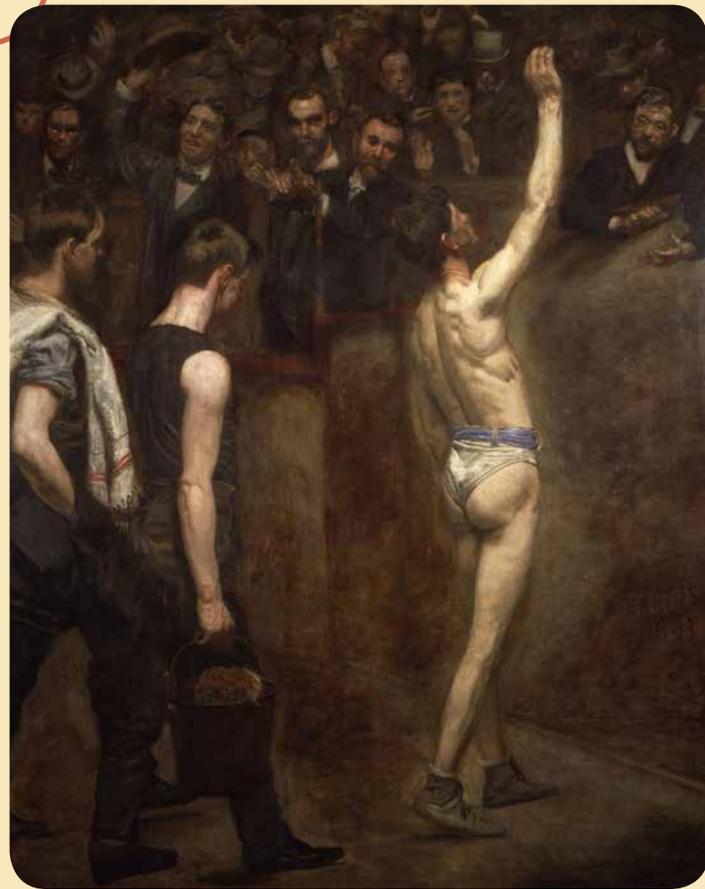
Estudantes nadando,
fotografias, 1883.
Estudo para Os nadadores,
óleo em papelão, 1884.



si mesmo. Mesmo com a reputação danificada, vários alunos abandonaram a escola após a saída de Eakins, pois acreditavam na sua forma inovadora de ensino. Chegou a lecionar em Nova York e Washington, mas retirou-se gradativamente do ensino em 1898, depois de ter retornado a Filadélfia em 1895 para ser novamente demitido pelo uso de um modelo masculino nu.



Bill Duckett nu na Liga dos Estudantes de Arte da Filadélfia, fotografia, 1889.



Salutat, óleo sobre tela, 1898.

Suas atitudes pouco ortodoxas como educador e seu interesse constante pelo corpo masculino foram responsáveis por questionarem não só sua sexualidade, mas também renegarem durante muito tempo sua obra. Eakins continuou a pintar retratos de amigos e cenas esportivas (principalmente de lutas), buscando além do realismo da figura, as personalidades e intensidades psicológicas (que, para muitos, o aproximam de Degas). Faleceu aos 71 anos – já considerado o artista de maior destaque depois da Guerra de Secessão (1861-1865) a retratar a vida americana. Em 1964, um crítico de arte do *New York Times* escreveu:

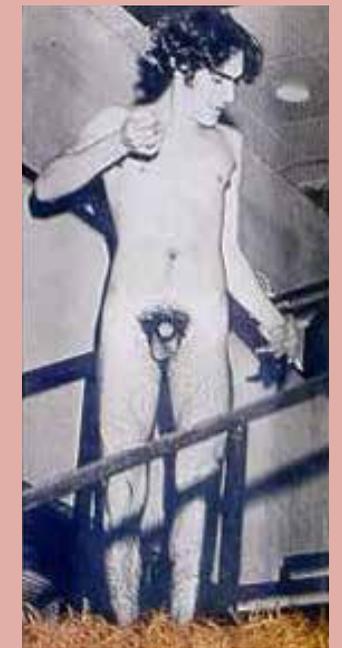
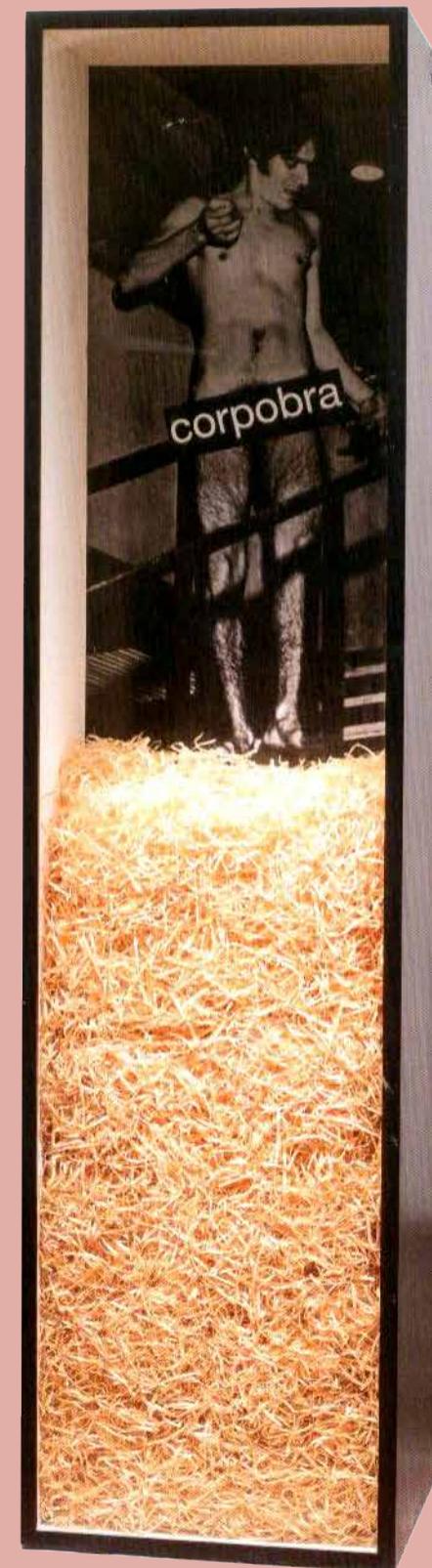
Como um supremo realista, Eakins parecia pesado e vulgar para um público que pensava em arte e cultura em geral, em grande parte, com um sentimentalismo gracioso. Hoje ele nos parece ter preservado a essência de uma vida americana que lhe parecia belo além da necessidade de idealização.

Os lutadores, óleo sobre tela, 1899.



8=D

Falo em Foco



Corpobra, tridimensional de Antonio Manuel, 1970.

A origem do mundo

por Filipe Chagas

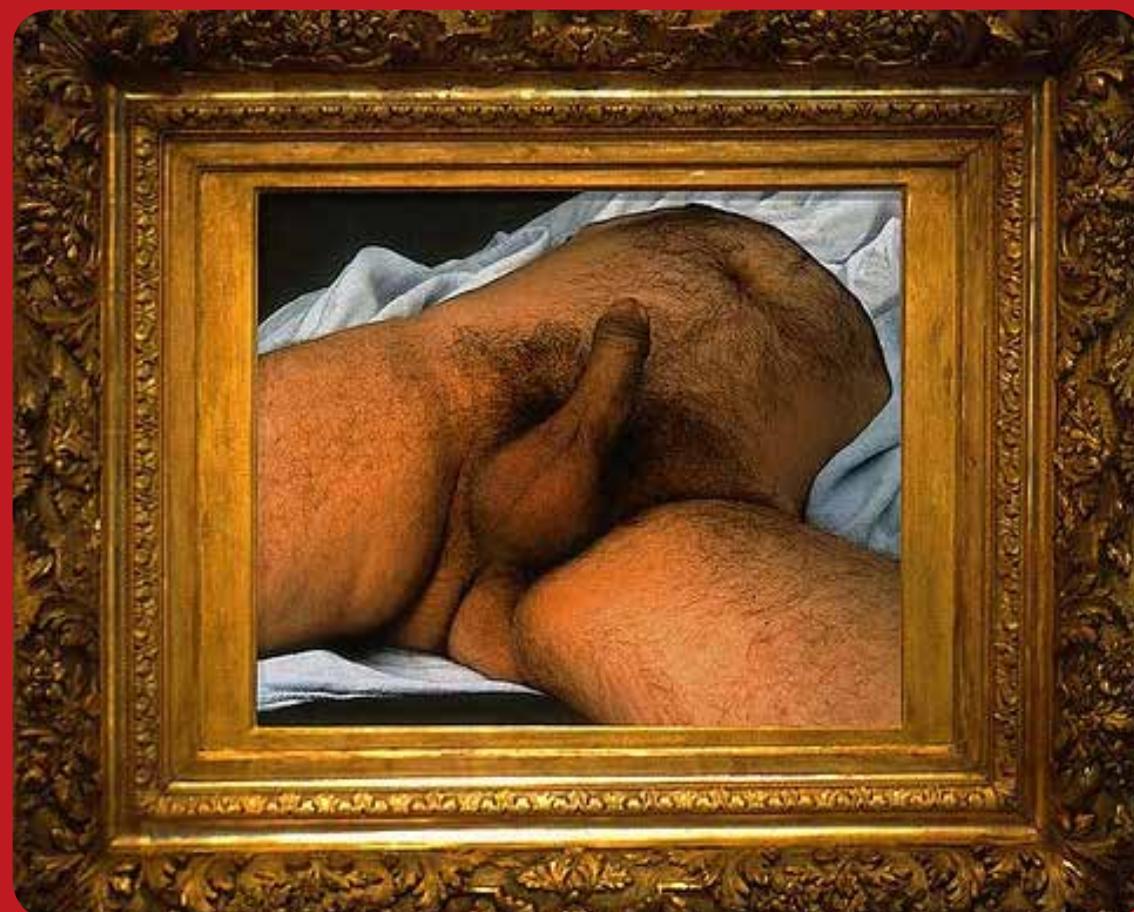
A representação explícita dos genitais – independente do gênero – ainda possui um efeito perturbador sobre a maioria da sociedade, como se o confronto com sua própria sexualidade fosse uma batalha perdida para a censura moral de tempos arcaicos que se mantêm enraizados e irrigados por ideologias religiosas. No meio do puritanismo do século XIX – bem semelhante ao de hoje –, o quadro “A origem do mundo” (*L’Origine du monde*, 1866), de Gustave Courbet (1819-77), veio para chocar: o sexo em close de uma mulher deitada sobre uma cama.

Esse enquadramento provocava as regras acadêmicas vigentes que toleravam apenas os nus inscritos nos contextos das grandes cenas mitológicas, oníricas ou exóticas, sem se confrontarem diretamente ao real em sua crueza mais extrema. A obra fora encomendada pelo diplomata turco Halil Serif Pasha – conhecido como Khalil Bey –, um colecionador de arte erótica que queria eternizar sua amante, a dançarina da ópera de Paris, Constance Quéniaux. Durante o período em que o pintor esteve vivo, o quadro se manteve clandestino. O óleo chegou a passar pelas mãos do psicanalista Jacques Lacan, antes de finalmente chegar ao Museu d’Orsay, em 1995, onde se encontra exposto (e é o segundo cartão postal mais vendido).

Considerada pornográfica, Courbet quis, na verdade, fazer a representação mais fiel da origem do mundo, da origem da vida tal qual como nos conhecemos, seguindo os preceitos do Realismo francês. O artista dizia:

Quando eu morrer, deve-se dizer de mim: não pertenceu à escola alguma, à nenhuma igreja, à nenhuma instituição, à nenhuma academia, sobretudo à nenhum regime, senão o da liberdade.

Em 1989, a artista francesa ORLAN – Mireille Suzanne Francette Porte (1947-), conhecida por suas incursões na body art e sua posição política feminista –, criou sua versão do quadro de Courbet, na qual mostra um torso masculino com o falo em ereção, intitulando-o, significativamente, como “A origem da guerra”. Sua ideia foi contrapor as genitálias das pinturas e, assim, atribuir às mulheres o poder criativo, enquanto aos homens restava a carga da destrutividade. Com o título contundente, ORLAN retirou o significado convencional do falo como símbolo de fertilidade e escancarou a violência machista. Mais atual, impossível.





Em 2009, livros cujas capas reproduziam a obra de Courbet foram confiscados pela polícia em Portugal e páginas do Facebook que a exibiam foram retiradas do ar em 2011. Fica claro que a Arte permanece enfrentando os preconceitos de seu tempo, lutando para representar o que é considerado inaceitável. Dessa forma, ela está permanentemente ampliando os limites e as fronteiras da moralidade e do conhecimento. Passa-se a refletir sobre os conteúdos proibidos para desmistificá-los e devolver-lhes a real dimensão.

Recentemente, a artista russa Alexandra Rubinstein resolveu produzir as suas versões d'A origem do mundo, seguindo a linha de desconstrução do patriarcado de ORLAN. Em seus três óleos, pequenas diferenças nos corpos masculinos podem passar despercebidas, mas os títulos mantêm a provocação e a reflexão: *A origem de todos os problemas* (2017), *A origem do privilégio* (2018) e *A origem da ansiedade* (2019).



Em 2018 o brasileiro Rafael Dambros sofreu intensa perseguição homofóbica por causa de eventuais falos que apareciam em seus trabalhos. Chegou a ser comparado à obra de Courbet como pornografia, comprovando que a luta da Arte se mantém após mais de cem anos. Então, sua releitura à caneta esferográfica, *Imagem auto-explicativa* (2019), espelha o modelo e acaba nos trazendo esse olhar sobre a objetificação dos corpos no século XXI, escancarando a culpa e o desejo propostos pelas novas identidades de gênero.

Um quadro, várias releituras, muitos anos e a mesma discussão em torno da nudez e, principalmente, da exposição da genitália. Se a Arte deve ser um espaço de discussão e reflexão, precisamos inverter isso: muitos quadros e várias releituras em um ano. **8=D**



FOTOGRAFE
CONTRATE
OBSERVE
DESENHE
ESTUDE
SEJA
MODELO VIVO

www.escolademodelovivo.com

CASA CORP²

ESCOLA DE MODELO VIVO
ARTE & REFERÊNCIA



Wanderlust
Intercâmbios

**Agência de
Intercâmbios
São Paulo
Brasil**

**Descubra-se.
Seja um Wanderluster!**

wintercambios.com.br
Avenida Paulista, 807, 1117

 [wintercambios](#)  [wintercambios](#)  [wintercambios1](#)

Justiça com as próprias mãos

por Filipe Chagas



Já descascou a banana hoje?

É bem possível que você já tenha tocado uma lendo essa revista. É, eu sei disso. Mas sem remorso ou arrependimento, viu? Vamos acabar com esse tabu! Nada mais normal do que a excitação levar à “estimulação do órgão genital – manualmente ou por meio de objetos – para a obtenção de prazer, seguido ou não de orgasmo e ejaculação”. Então a ideia é conhecer um pouco mais sobre essa prática sexual não-penetrativa (portanto, sem troca de fluidos corporais).

O sexo não-penetrativo é uma atividade sexual sem penetração vaginal, anal ou – dependendo da situação – oral, que se contrapõe à relação sexual, porém, pode servir como preliminar à ela. Não há intenção da troca de fluidos corporais, sendo considerada uma prática de sexo seguro assim como de contracepção.

Não há uma única técnica de masturbação masculina, porque são inúmeras as variáveis, que vão desde a posição ao local, do tamanho do pênis à sua curvatura, da mão dominante à estrutura corporal do indivíduo. Para se atingir o orgasmo, com ou sem ejaculação, é preciso friccionar a glândula – a cabeça do pênis e comumente sua área mais sensível. Isso pode ser feito com o próprio prepúcio, com as mãos, os pés, com um travesseiro, com jato d’água, com brinquedos sexuais ou com um simulacro de outro órgão sexual, ou seja, algo onde você possa enfiar o seu pênis (uma fruta, uma fleshlight etc). O ideal é que seja feito com bastante lubrificação (natural ou artificial) para não machucar a glândula. Alguns homens chegam ao orgasmo e à ejaculação sem tocar no pênis em si, através do estímulo de outras zonas erógenas, como os mamilos, o períneo ou a próstata, ou com sonhos eróticos (polução noturna). O ato de um massagista masturbar um cliente, seja como parte da própria massagem ou diretamente depois dele, foi chamado de “relaxamento manual” (handjob) ou “final feliz” (happy ending).

TIPOS

- 8=D Masturbação individual, mútua ou coletiva, sendo diferente em homens circuncidados e não-circuncidados por causa da fricção do prepúcio sobre a glândula.
- 8=D Lambidas externas às genitálias ou ânus.
- 8=D Footjob: masturbação do pênis com o uso dos pés.
- 8=D Tribadismo: fricção de vulvas (podendo ser despido ou vestido).
- 8=D Frot ou Frottage: fricção de pênis (podendo ser despido ou vestido).
- 8=D Docking: inserção do pênis no prepúcio do parceiro.
- 8=D Sexo interfemoral ou intercoxal: inserção do pênis entre as coxas apertadas do parceiro(a).
- 8=D Sumata: técnica japonesa de inserção do pênis entre as virilhas.
- 8=D Espanhola: inserção do pênis entre os seios femininos.
- 8=D Sexo virtual, seja por telefone ou novas tecnologias audiovisuais.
- 8=D Algumas atividades de BDSM.



60 A masturbação foi observada em muitas espécies de mamíferos – especialmente nos grandes primatas – e, na espécie humana, é comum em ambos os sexos e em uma larga faixa etária, iniciando-se na puberdade, ou ainda durante a infância sem a carga erótica. Algumas inscrições primitivas da Era Paleolítica mostravam que o *Homo sapiens* se masturbava de forma solitária, coletiva ou como parte de rituais de fertilidade da natureza.

Para os sumérios, o deus Enki criou os rios Tigre e Eufrates a partir de sua ejaculação pós-masturbação. Por essa razão, a masturbação era considerada uma forma de potencializar a fertilidade. Homens usavam um óleo com minério de ferro para aumentar a fricção.

A sacralização da masturbação ocorreu de forma semelhante no Antigo Egito, com o deus Atum tendo criado o universo a partir do seu esperma ejaculado. Dessa forma, anualmente o faraó era responsável por se masturbar em uma cerimônia sagrada para despejar seus fluídos no rio, que

seguiriam seu curso de fertilização das margens. Outros rituais coletivos eram praticados em santuários. Algumas mulheres, quando morriam, eram mumificadas com os objetos fálcos utilizados por elas, uma espécie de dildo de argila.

Entre a tribo filipina dos aetas, o rito de passagem para a masculinidade envolvia a primeira ejaculação de um garoto pelas mãos de um ancião tribal em uma cerimônia pública. O sêmen ejaculado era salvo em um chumaço de pele de animal e usado mais tarde para ajudar a conceber as crianças.

Tanto os indianos quanto os chineses tinham a crença de que a masturbação acarretava perda de energia vital e, portanto, evitavam a prática para se sentirem mais fortes. O esperma era considerado o elixir da vida e deveria ser conservado dentro do corpo o maior tempo possível. Enquanto a masturbação era um desperdício que deixava as pessoas fracas (e poderia levá-las até a morte), o coito era visto como uma troca de energia e, assim, encorajado.

Na Grécia Antiga, a masturbação era um ato sexual banal visto com naturalidade para os jovens e membros da plebe, uma vez que, um homem de classe superior não precisaria se masturbar, devido às alternativas sexuais que tinha entre mancebos, escravas e prostitutas. A representação de sátiros adultos se masturbando em festividades públicas, mostrava que a prática já possuía algum teor de moralidade cívica envolvida. Na estrutura militar do Império Romano, a masturbação era sinal de fraqueza.

Entre os antigos hebreus, qualquer modalidade sexual que não resultasse em filhos era condenada. No hebraico antigo, nem sequer existia palavra para designar o sexo solitário: tocar a própria genitália era vedado aos homens até na hora de urinar. Na tradição judaica, o pênis já nasce impuro e, por isso, seria preciso tirar um pedaço dele (circuncisão).

Com a chegada da cultura judaico-cristã no Ocidente, iniciou-se um processo de repressão moral por motivos religiosos. No século XIII, o teólogo São Tomás de Aquino interpretou de forma intencional a passagem bíblica de Onã como uma prova de que o desperdício voluntário de esperma, ou seja, sem fins reprodutivos, era um pecado grave contra Deus (leia no box a seguir como foi muito mais uma gozada fora, também chamada de coito interrompido, do que uma masturbação). Outra passagem bíblica



61 Imagem de um fauno se masturbando em uma ânfora grega.

Aconteceu, por esse tempo, que Judá se apartou de seus irmãos e se hospedou na casa de um adulamita, chamado Hira. Ali viu Judá a filha de um cananeu, chamada Sua; ele a tomou por mulher e a possui. E ela concebeu e deu à luz um filho, e o pai lhe chamou Er. Tornou a conceber e deu à luz um filho; a este deu à mãe o nome de Onã. Continuou ainda e deu à luz outro filho, cujo nome foi Selá; ela estava em Quezibe quando o teve.

Judá, pois, tomou esposa para Er, o seu primogênito; o nome dela era Tamar. Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o Senhor, pelo que o Senhor o fez morrer. Então, disse Judá a Onã: Possui a mulher de teu irmão, cumpre o levirato e suscita descendência a teu irmão.

Sabia, porém, Onã que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão. Isso, porém, que fazia, era mau perante o Senhor, pelo que também a este fez morrer.

(Gênesis 38:1-10)

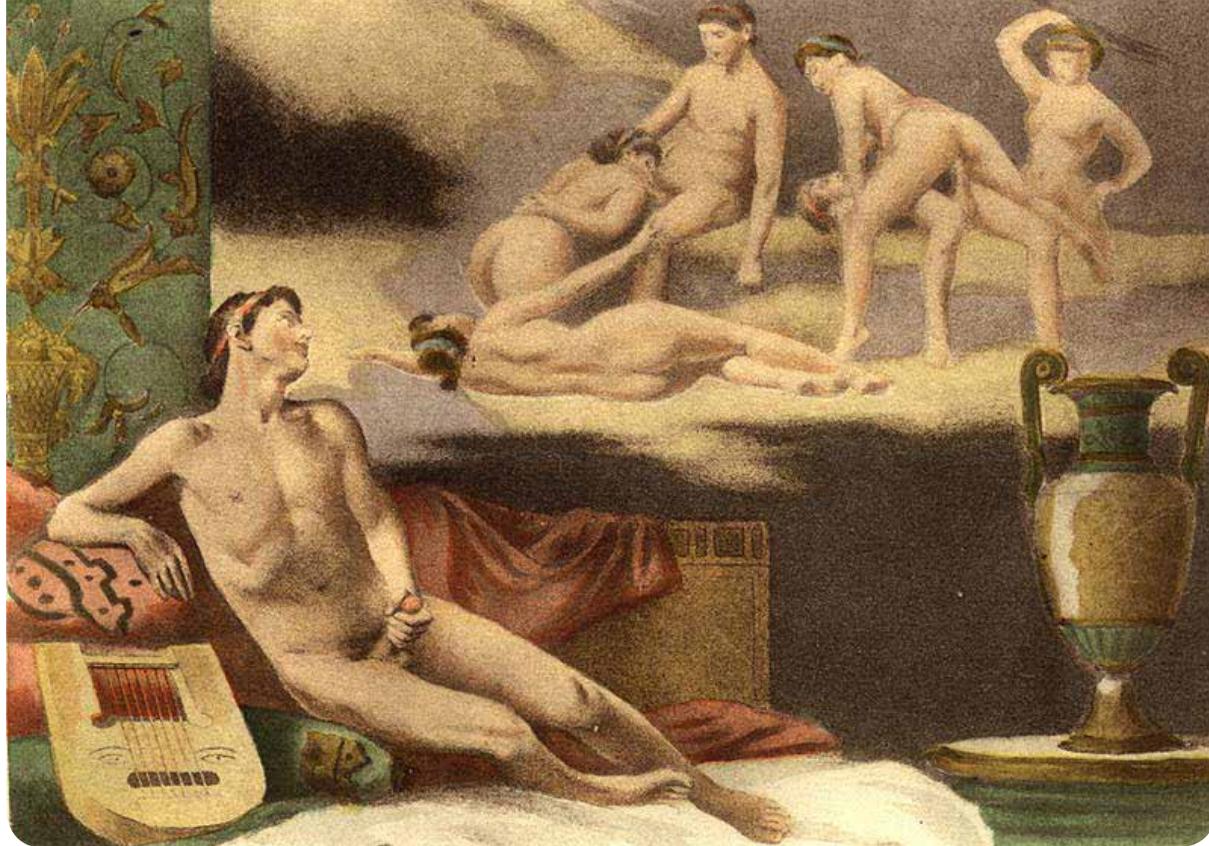


Ilustração de Paul Avril (pseudônimo de Édouard-Henri Arvil), fim do séc. XIX.

usada para punir a masturbação é o *Sermão da Montanha*, o discurso de moralidade feito por Jesus. Nele, ao falar de adultério, Jesus teria dito:

Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno. (Mateus 5:28-30)

No entanto, não convinha ao clero usar a mão de ferro na repressão ao sexo solitário, uma vez que, embora não fosse admitido abertamente, era uma válvula de escape da tensão sexual que pairava nos corredores dos

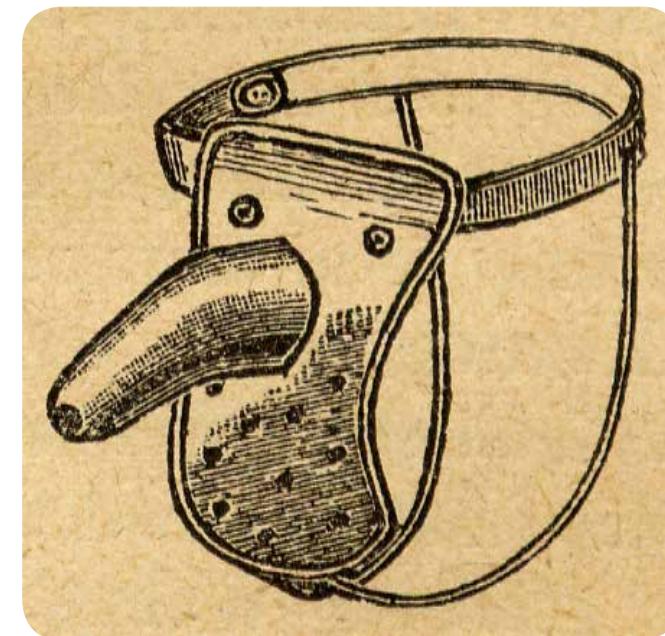
mosteiros. Ironicamente, o “vício dos padres” foi um dos argumentos usados pela patrulha antimasturbatória que surgiria no século XVIII. Assim, o onanismo – termo cunhado em 1716 por um teólogo belga – chegou até mesmo a ser um crime punido com pena de morte em algumas comunidades.

A descoberta do espermatozoide, em 1677, motivou a Medicina a se associar à Igreja Católica para qualificar a masturbação como um mal moral, uma vez que o espermatozoide veio a ser considerado como um bebê em miniatura. Passou a ser vista, então, como uma doença que provocava distúrbios no estômago – como perda do apetite ou fome voraz, vômitos e náuseas –, debilitação dos órgãos respiratórios (tosse, rouquidão), paralisias ou enfraquecimento dos genitais ao ponto de causar impotência, falta de desejo sexual e ejaculações incontinentes. Em 1758, o *Ensaio sobre as doenças decorrentes do Onanismo* diz que “esta doença ataca os

jovens e libidinosos e, embora comam bem, emagrecem e consomem seu vigor juvenil”. Em 1797, Kant determinou que a masturbação era uma violação da lei moral, uma vez que “um homem desiste de sua personalidade quando ele usa-se apenas como um meio para a satisfação de uma unidade animal”.

Durante os séculos XVIII e XIX, foram criados mitos anticientíficos, visando desencorajar o ato nos jovens ainda em desenvolvimento psicosssexual, levando a muitos casos de complexos de culpa, medos e recalamentos. A literatura médica da época falava em alimentação vegetariana, cintos de castidade, circuncisão, tratamento de choque e, em último caso, cauterização ou castração como curas para a masturbação, um mal capaz de coisas como o aumento da acne, o crescimento de pelos nas mãos, calvície, infertilidade, tuberculose, cegueira ou epilepsia.

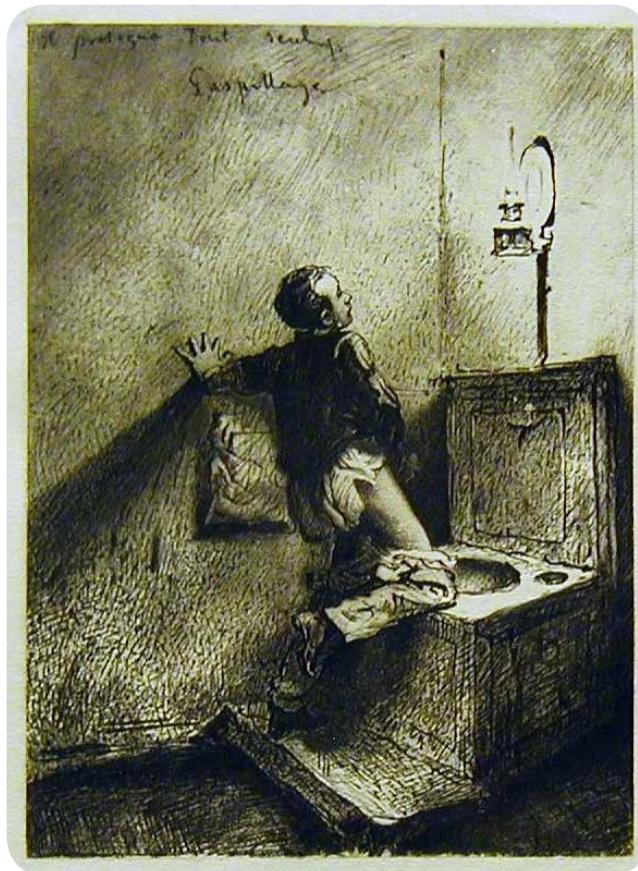
Finalmente, na passagem para o século XX, surgiram estudiosos como Havelock Ellis e Sigmund Freud, com novas linhas de pensamento que levaram a uma visão diferente da masturbação. Ellis, por exemplo, fez os primeiros estudos em 1898, sobre homossexualidade e transgêneros sem abordá-los como doença mental e ampliou a masturbação dentro de um escopo de autoeroticismo. A prática foi defendida como essencial para o autoconhecimento das zonas erógenas e do exercício de controle das fantasias sexuais, desde que não houvesse excesso ou obsessão.



Cinto de castidade medieval utilizado como acessório anti-masturbatório.

O *jugum penis* (ou anel de poluções) consistia de um clipe de aço com dentes serrilhados que eram presos ao pênis para impedir uma ereção indesejada e, conseqüentemente, a masturbação. Foi desenvolvido na Inglaterra do século XVIII.





Onanismo, gravura em cobre do húngaro Mihály Zichy (1911).

O trabalho do sexólogo Alfred Kinsey durante as décadas de 1940 e 1950 (mais notavelmente o *Kinsey Reports*) insistiu que a masturbação era um comportamento instintivo tanto para homens quanto para mulheres, uma prática sexual complementar para todas as idades sem qualquer intercorrência e independente de qualquer envolvimento emocional. Porém, somente em 1972, os EUA declararam a masturbação como um procedimento normal.

Aos poucos foi entendida como uma prática sadia e fundamental para a evolução ao liberar os espermatozoides com baixa motilidade do trato genital do macho. Assim, a ejaculação seguinte conterá espermatozoides com maiores chances de alcançar a concepção durante a relação sexual. Se mais de um macho tiver relações sexuais com uma fêmea, o esperma com a maior motilidade competirá de forma mais eficaz.

Com o advento da especialização acadêmica sobre a sexualidade humana, a masturbação se tornou parte do desenvolvimento sexual normal de uma pessoa. Recentemente, estudos mostraram que a masturbação pode prevenir o câncer de próstata, melhorar a circulação sanguínea, fortalecer o sistema imunológico, aliviar alguns sintomas de depressão e baixa autoestima e melhorar o sono. Vários programas de orientação sexual que divulgam a abstinência sexual propõem a masturbação como uma alternativa para a prevenção da AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis.

*“An orgasm a day keeps the doctor away”
slogan britânico de 2009*

Mesmo não sendo uma doença ou cause doenças, o peso histórico da carga negativa e pecaminosa dessa atividade ainda prevalece sobre algumas pessoas, inibindo-as da vivência plena da sua sexualidade ou até retardando seu desenvolvimento psicosssexual natural. A Igreja Católica ainda a classifica como “desordem moral”, sendo condenado por muitas igrejas evangélicas. Uma pesquisa americana de 1994 enfatizava que quase metade dos homens e mulheres se sentem culpados após a masturbação (semelhante à depressão pós-coito ou disforia pós-sexo). Por isso, em 1995, uma empresa estadunidense de brinquedos eróticos

resolveu criar o *Dia Nacional da Masturbação* no dia 28 de maio. Essa data não só se expandiu de forma internacional como, em alguns países, todo o mês de maio é comemorado como o *Mês da Masturbação*.

Algumas correntes da psicologia acreditam que a prática contínua da masturbação individual pode prejudicar a vida conjugal futura, quando um jovem se acostuma com a rápida satisfação sexual, preferindo-a como única forma de prazer ou ignorando os prazeres do parceiro(a). A masturbação compulsiva pode ser mais do que um alívio de ansiedade e vir a se tornar um caso de dependência com pública exposição, necessitando acompanhamento psicológico. Já a masturbação mútua pode melhorar a relação conjugal, uma vez que os parceiros passam a conhecer melhor seus centros de prazer.

A frequência é determinada por vários fatores relacionados a situações de excitação e níveis

hormonais, iniciando na explosão da puberdade e se reduzindo na andropausa (queda hormonal masculina a partir dos 60 anos). Um estudo britânico de 2007 confirmou os resultados da pesquisa do sexólogo Alfred Kinsey na década de 1950: aproximadamente 90% dos homens e 60% das mulheres já se masturbaram ao longo de suas vidas. A frequência maior é entre homens na faixa de 16 a 44 anos, independente do fato de estarem ou não envolvidos em relações afetivas-sexuais (70% dos homens casados se masturbam). Ou seja, você, seu amigo, seu pai, seu tio e - talvez - seu avô continuam mandando ver no 5 contra 1. Aliás, cinco é a quantidade ideal de masturbação semanal para a medicina na prevenção do câncer de próstata, sendo um mínimo de três por semana. Numa estatística geral, um homem deve se masturbar de 12 a 20 por mês para manter a região saudável.

Agora pode confessar: você está devendo no mês ou já passou da cota? **8=D**

**Saves money.
Saves time.
Minimizes stress.
Cures headaches.
Hurts nobody.
Angers the pope.**

Masturbate.

This public service
message brought
to you by



National
Masturbation
Month

Let's rub one out for your country





TERMOS E EXPRESSÕES

A origem do termo masturbação é incerta. Pode ter vindo da expressão em latim *manusturbare*, “perturbar com uma mão”. Porém, a criatividade humana gerou inúmeros termos e expressões para a atividade:

5 contra 1

Agasalhar o croquete

Aliviar

Apontar o lápis

Assar a mandioca

Bater bolo

Botar a cobra pra cuspir

Bronha

Colocar o menino para vomitar

Conversar com a outra cabeça

Debulhar o milho

Desacumular o produto

Descascar a banana

Descabelar o palhaço

Desentupir o cano

Empinar pipa

Enforcar o Pikachu

Esquentar a salsicha

Estrangular o careca

Esvaziar a seringueira

Extrair o suco

Fazer justiça com as próprias mãos

Fazer o anão crescer

Fazer piscina no umbigo

Homenagem

Jogar dados

Jogar fora o leite estragada

Malhar o braço

Morrer na mão

Ordenha

Punheta

Puxar o capuz pra traz

Sexo solitário

Socar pilão

Tocar uma

Último recurso

Aproveito e agradeço aos seguidores do Instagram que participaram da enquete promovida para saber outros termos e expressões para masturbação (com vitória esmagadora do termo “punheta” com 51% das respostas).

FALATÓRIO

Guilherme Corrêa convida Adrian Belbuzzi



Foto: Guilherme Corrêa. Modelo: César Jens.

FALOCAMPSE

Tricofilia.

Fetiche

Uma introdução

por Filipe Chagas e André Guimarães

No dicionário, as primeiras definições de **fetiche** são “qualquer objeto a que se atribui poder sobrenatural ou mágico e se presta culto” e “objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas”. Isso lembra de imediato os falos que ainda são cultuados como amuletos no Oriente (veja matéria na 5ª edição).

Se olharmos o verbete **fetichismo**, as definições apresentadas são “admiração exagerada, irrestrita, incondicional por uma pessoa ou coisa; veneração” ou “desvio do interesse sexual para algumas partes do corpo do parceiro (parcialismo), para alguma função fisiológica ou para peças de vestuário, adorno etc”. Por aí já fica fácil entender o que é fetiche afinal.

Claro que usar as expressões “qualidades eróticas” e “desvio do interesse sexual” já é razão para se tornar um tabu em nossa sociedade. Foi no século XIX que o fetiche foi considerado não só um desvio de interesse, mas também um desvio de comportamento e de caráter moral por entender o termo somente com a conotação sexual. Com os estudos da psicanálise e da sexualidade humana, os fetiches foram entendidos como **parafilias**, variações – em sua maioria, inofensivas – nos meios de atingir a satisfação sexual e, até mesmo, parte integral da formação psíquica do ser humano. Mas convenhamos: quem dita as regras do sexo são as pessoas envolvidas nele, né?

Quando o assunto é sexo, todo mundo tem suas preferências, seus interesses, seus desejos, ou seja, **todo mundo tem fetiches**. Não adianta negar! E, ao invés de se envergonhar, pense que um fetiche pode melhorar sua vida sexual e apimentar uma relação. Objetos, cheiros, roupas, lugares... felizes são aqueles que botam em práticas suas fantasias, realizando seus desejos mais secretos.

Vamos então conhecer os nomes científicos dos fetiches mais comuns:



Agalmatofilia

Estátuas, manequins e bonecas infláveis são clássicos substitutos sexuais. A história mantém em segredo algumas relações com estátuas, mas sabe-se que a nudez das estátuas clássicas foram alvos de interesses eróticos. Hoje a tecnologia avança e nos entrega não só bonecas com capacidades de sucção, características físicas à escolha do comprador e emuladores de emoção, como também versões reduzidas de partes do corpo para masturbação (*fleshlights*).

Capnolagnia

Fumar ou sentir o cheiro da fumaça é também um gatilho sexual para alguns.



Estigmatofilia

Tatuagens e piercings são muito comuns como forma de expressão estética e vaidade. Também são gatilhos de excitação sexual, em sua maioria, ligados ao ato de fazer a intervenção corporal ou manipulá-la, aproximando-se de uma prática sadomasoquista.



Clismafilia

A lavagem intestinal por meio da introdução de água no ânus (enema ou chucha) pode causar prazer por estimular a próstata, o ponto P. Para tal, normalmente é usado um chuveirinho ou uma ducha constante.

Dendrofilia

Vegetais, que vão de legumes e frutas à árvores, são uma prática bem mais comum do que se sabe. Não à toa, os emojis que costumam representar sexo estão ligados à esse universo.



Coprofilia, Escatofilia ou Fecofilia

Manipulação de fezes – que podem levar à ingestão (coprofagia).

Lactofilia

Ver o esguichar do leite materno ou sugar o seio de uma mulher lactante é um gatilho de excitação sexual, ligado a uma fixação oral nos mamilos, uma zona altamente erógena.

Maschalagnia

O fetiche nas axilas é uma associação entre dois outros fetiches: a *olfactofilia* e a *tricrofilia*. Pode também ser vinculado à *salirofilia*. (Veja foto no final desta matéria)

Mecanofilia ou Mecafilía

Carros ou outros veículos ainda são símbolos de poder masculino. Fazer sexo dentro do carro (em movimento ou parado) é praticamente um clássico e uma fantasia comum. Os casos mais extremos de mecanofilia são aqueles em que a excitação está em se esfregar em partes do carro ou fazer sexo com o veículo em si (introdução do pênis em orifícios do carro, ou de partes do carro na vagina ou no ânus).

Nasofilia

A atração sexual pela forma física do nariz (tamanho e cor). Como não é possível penetrar um nariz, na maioria das vezes ele é lambido e chupado ou até usado como objeto fálico.

74



Podolatria

Os pés são um dos maiores fetiches sexuais, que se estendem às meias e aos sapatos. Pode ser associado à *olfactofilia* e ao *trampling* (prática sadomasoquista de pisar e ser pisado).

Olfactofilia

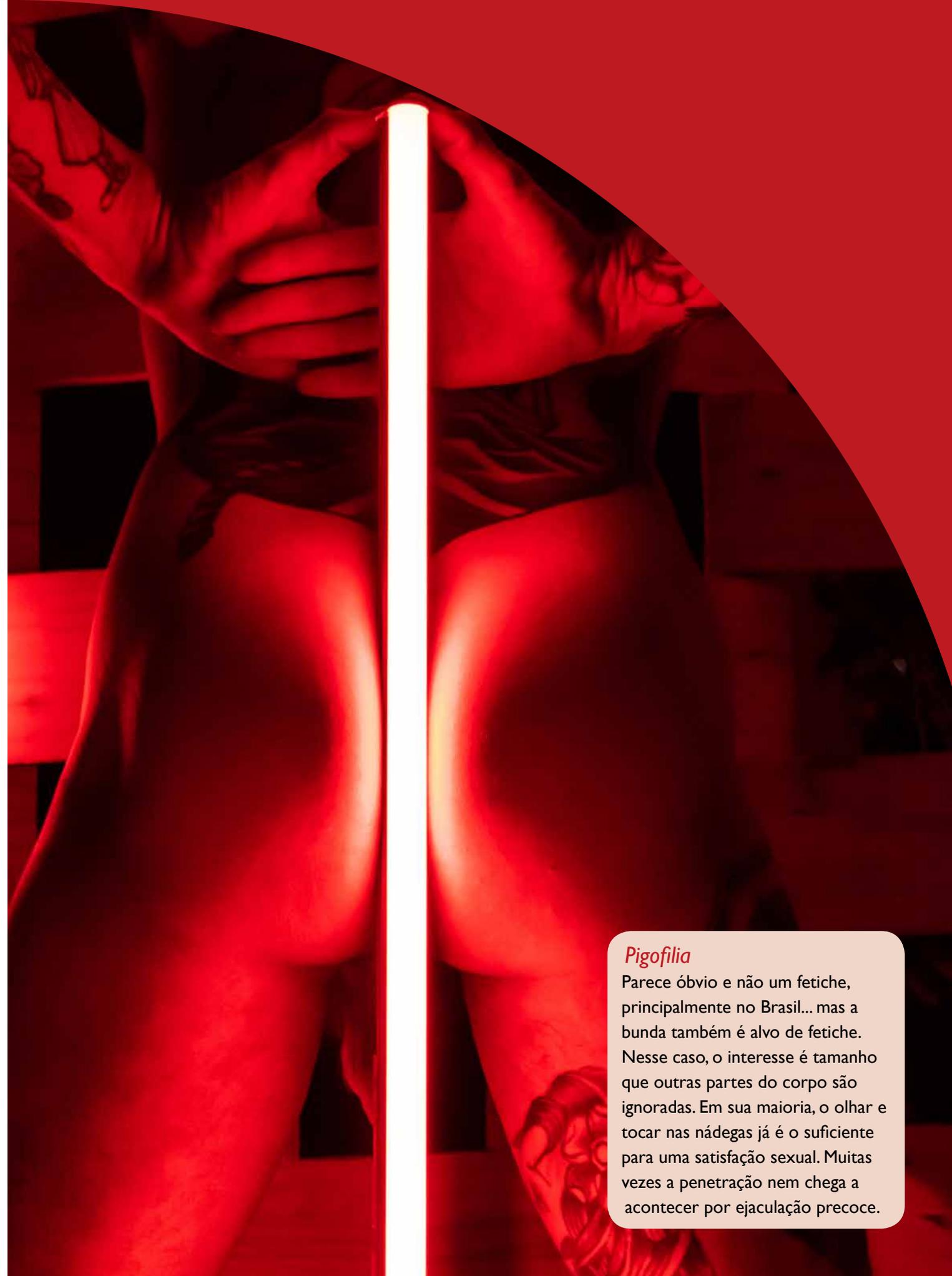
Odores corporais, especialmente nas zonas erógenas (como axilas e virilhas), ou seja, um fetiche ligado aos feromônios. Importante ressaltar que não se refere, necessariamente, ao mau odor, mas sim ao “cheiro de homem”.

Peluchefilia ou Plushofilia

Animais de pelúcia se tornam objetos sexuais, seja o brinquedo em si para masturbação ou uso de fantasias de animais de pelúcia para o sexo.

Pigofilia

Parece óbvio e não um fetiche, principalmente no Brasil... mas a bunda também é alvo de fetiche. Nesse caso, o interesse é tamanho que outras partes do corpo são ignoradas. Em sua maioria, o olhar e tocar nas nádegas já é o suficiente para uma satisfação sexual. Muitas vezes a penetração nem chega a acontecer por ejaculação precoce.



Salirofilia

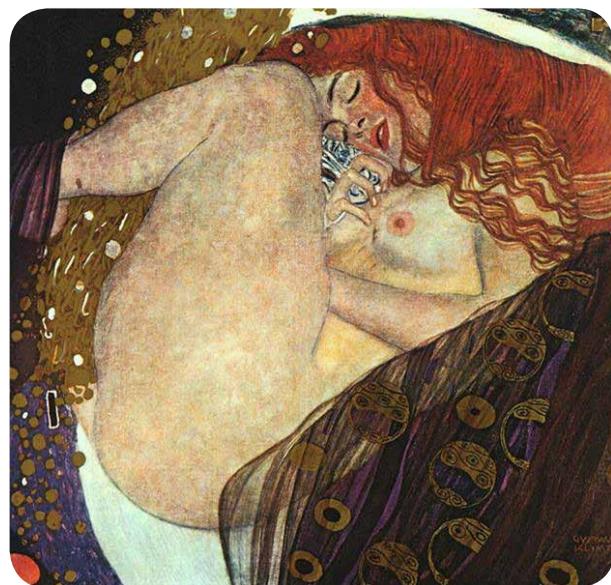
Fluidos salgados como a saliva, o suor e as lágrimas, o que inclui principalmente ser lambido e lamber, mas também cuspir ou ser cuspidado ou até mesmo ver o escorrer do fluido. No caso do suor, pode haver uma associação com a *olfactofilia*.



76

Tricofilia

Pêlos, seja pelo corpo, no rosto ou na cabeça. Só o roçar dos pêlos já causa excitação sexual. Homens de barba são uma símbolo de “masculinidade rústica” e os gordinhos peludos ganharam todo um universo: são os “ursos” e seus “chasers”. (Veja foto de abertura desta matéria)



Dânae, óleo sobre tela de Gustav Klimt (1908).

Urofilia, Uroloagnia, Ondinismo ou Chuva Dourada

A famosa *golden shower* é a excitação com o calor e o odor da urina e com o ato de urinar ou ser urinado. Em alguns casos, só de ver alguém urinar ou molhar as roupas já é um gatilho para a excitação sexual (*omorashi* é a excitação pela urgência de urinar, ou seja, ficar com a bexiga cheia ou ver alguém com a necessidade de ir ao banheiro). Esse fetiche foi imortalizado pelo mito de Perseu, uma vez que Zeus se transforma numa chuva dourada para excitar e engravidar Dânae.

Travestismo fetichista

O prazer de vestir roupas do sexo oposto (com destaque para roupas íntimas) seja no ato sexual ou por baixo das roupas do cotidiano. Não confundir com disforia de gênero (identificação com o gênero oposto) ou com transformismo (*crossdressing*, uma experiência humana mais profunda que vai além da roupa e da experiência sexual). Homeovestismo é a excitação sexual em usar roupas típicas de seu próprio gênero.



Aí você deve estar se perguntando: onde está o fetiche por pessoas altas, ou por ruivos? Cadê o couro e o látex? E aquela vontade de fazer um *ménage* ou um *fist fucking*? Nessa introdução o foco foi seguir à risca o termo fetiche e apresentar alguns objetos e partes do corpo que causam desejo. O desejo por características específicas ou práticas sexuais será abordado em outra oportunidade. Enquanto você aguarda, vai colocando suas fantasias em prática, viu? (e manda pra gente!) **8=D**

Fotos da sessão fetiche feitas por Chris, The Red, com Rainnery, da Casa Quina.



Maschalagnia.

FALOCAMPSE é o nome que se dá à curvatura do pênis, quando em ereção. A coluna leva esse nome na ideia de trazer assuntos que tangenciam a nudez masculina na Arte.

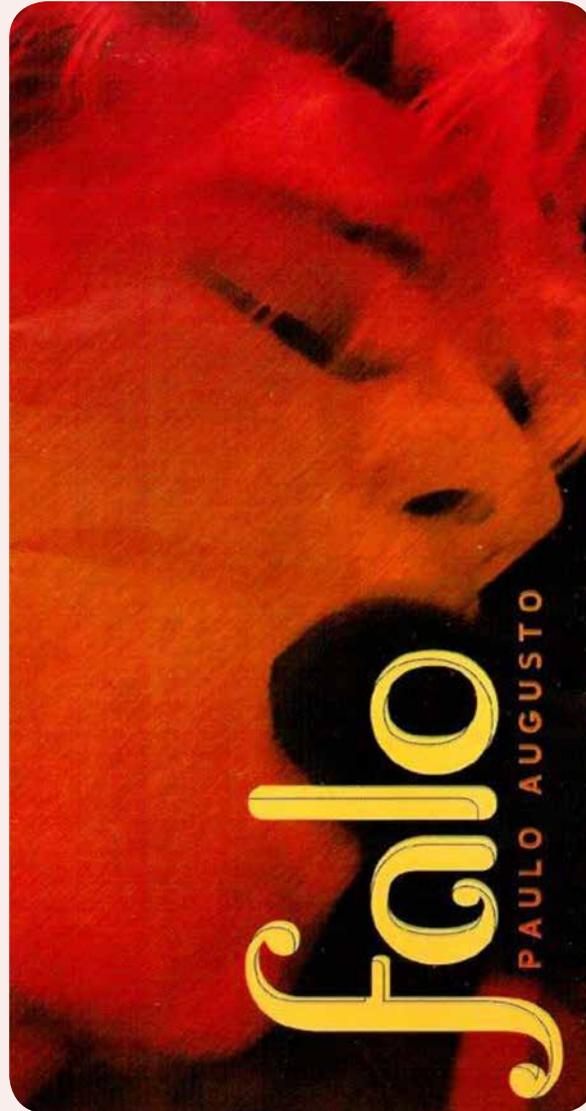


Falo

de Paulo Augusto da Silva (1976)

É preciso entender o contexto para se legitimar a importância do livro *Falo* (1976), escrito pelo jornalista e poeta potiguar Paulo Augusto da Silva (1950-) e que não é só homônimo a essa revista, mas também carrega um ativismo frente a obtusidade de uma época. O Brasil vivia a ditadura militar (1964-1985), período em que os direitos humanos eram constantemente deixados de lado com sistemática censura, prisão, tortura, assassinato e desaparecimento de opositores ao regime. Ser gay era estar sujeito não apenas ao estigma e vergonha popular, mas corria-se o risco de ser processado pela polícia federal em nome dos bons costumes da tradicional família brasileira. Tem ouvido isso em algum lugar? Pois é...

O primeiro ato político em relação aos direitos dos homossexuais no país foi registrado no ano de 1977, quando o editor da publicação estadunidense *Gay Sunshine*, Winston Leyland, realizou conferências no país a pedido do advogado João Antônio Mascarenhas. Após esse evento, o advogado e outras dez pessoas se juntaram na casa do pintor Darcy Penteado (1926-1987) – entre eles o escritor de novelas Aguinaldo Silva, o escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo inglês Peter Fry – para organizar o grupo *Somos*, fundado em 1978 a partir da publicação do jornal *O Lâmpião da Esquina*, que circulou até 1981. Na década de 1980 surgem outras associações, como o *Grupo Gay Bahia* (a mais antiga organização brasileira em defesa dos gays ainda em atividade) e o *Grupo Triângulo Rosa*, no Rio de Janeiro. Considerando esse histórico, lançar um livro de poemas homoeróticos antes dessas manifestações e distribuí-lo no corpo a corpo com o público era, no mínimo, pioneiro e transgressor.



Capa da segunda edição de 2003, lançado pela *Sebo Vermelho Edições*.

O poeta paulista Glauco Mattoso – para a reedição do livro em 2003 – escreveu que “ilustres antecessores, como Mário de Andrade e Mário Faustino, não quiseram (ou não puderam) avançar tão longe na explicitação do amor masculino, algo que, em nosso idioma, só fora alcançado pelo português Antônio Botto, sendo o único paralelo nacional, talvez, Roberto Piva.” A possibilidade de receberem a alcunha de “poetas malditos” ou serem lembrados ao lado de Gregório de Mattos (1636-1696), o Boca do Inferno, deveria ser amedrontador para essa célebre geração.

O autor usa com primor o idioma culto e coloquial nordestino para explicitar com rara sensibilidade um tema dito abominável. Ele ousou assumir seu desejo de nascença (em *Vae victis, O meu amor pelos homens* e *System-Attica*), entendeu seu lado feminino (em *A mulher que mora em mim* e *O meu maior desejo*) e ainda dedicou o livro a Madame Satã (em *Balada para Madame Satã*). Fala de seu primeiro amor (em *Avant-première*) e das dificuldades de ser gay e nordestino (em *Um homem lá do nordeste?* e *Homem come carne humana no Cariri*), mas também ataca a moral vigente de forma pungente e irônica (em *Estatuto, Atentado ao pudor* e *Ração balanceada*), até mesmo trocando a estrutura poética pelo texto de classificados (em *Aviso aos navegantes* e *Angelino Distributors & CO.*) ou criando um mundo onde todos são homossexuais e o diferente é ser hétero (*O heterossexual*). No poema final (*A ferrugem que existe em nós*), Paulo lembra que estamos todos no mesmo barco, homens e mulheres, sob a mira do ódio, e que cada criança que nasce é a esperança de dias melhores. **8=D**

*Não foi medo que senti
quando você imenso
– era a primeira vez –
me rasgou a blusa
inebriado e tonto.
Eu era virgem
como todo mundo um dia foi
mas isto não vem ao caso.
Fardos pesados,
no canto do muro, tu e eu.
Vislumbrei à luz murcha da tarde
tua fortaleza pontiaguda
e me recordo: meu coração
recuou.
Mas juntei minhas forças todas
e num relance lembrei-me
que mamãe sempre dizia:*

*- Homem é para-mulher,
e mulher é para-homem.*

Avant-première

*Flagro admirado e grave
no meio do teu corpo insone
sob a névoa que o encobre
teu cabeludo pecado.
Lanço nele mãos sedentas
de fomes transcendentais.
Rolas sob o cobertor
procurando na floresta
densa e quente do meu ventre
a árvore os frutos doces
os doces frutos do amor.*

Intimidade



Sempre que me masturbo penso em absolutamente nada. Relatei isso com um amigo e chegamos à conclusão que parece algo bem fora do normal. Seria algum problema?

J. B., Pelotas (RS)

A sexualidade precisa correr livremente. Cada indivíduo encontra para si as melhores e mais apropriadas formas de sentir prazer. Através da masturbação, conectamo-nos a tipos de ação que vemos em estímulos visuais eróticos ou pornográficos, como vídeos, fotos, memórias, fantasias sexuais etc., que enriquecem nosso processo criativo. Quando a energia sexual investida no momento da masturbação não conta com elementos que, digamos, “ativem” os mecanismos para a excitação, é possível que estejam havendo outros tipos de reforços para a ação.

Tocar eroticamente o próprio corpo – sem o alibi da reprodução ou necessidade de satisfazer o desejo do outro – expressa a busca do prazer e revela o caráter subjetivo da sexualidade. Masturbar-se configura uma autossatisfação sexual obtida por meio da manipulação dos genitais. Para compreender esse “não pensar em nada na hora da punheta”, seria interessante observar como está o seu próprio funcionamento sexual. Exemplo: qual a frequência com que você se masturba? Você ejacula no momento do sexo? Você tem um parceiro com quem mantém relações sexuais? Se sim, como anda o sexo entre vocês? Quando estão juntos, você consegue estar ali inteiramente aproveitando o encontro ou a mente está longe?

Sabendo que historicamente a masturbação, assim como o sexo, foi e ainda é considerado um grande tabu pela sociedade, esse fator pode muitas vezes – mesmo que inconscientemente – influenciar na maneira, na frequência e até nos pensamentos que acometem o ato masturbatório. Olhando por outro ponto de vista, pesquisas apontam a masturbação como um fator determinante para diminuição dos níveis de estresse e ansiedade em alguns sujeitos. A “descarregada” promove uma sensação de relaxamento, eliminando muitas vezes tensões acumuladas no corpo (o que poderia ser uma boa justificativa para o fato de você apenas se masturbar sem pensar em “nudes” ou afins).

Já deu pra perceber que não há como ter uma resposta exatamente concreta em relação a isso e para alívio dessa questão (ou não), essa preocupação em “pensar em determinado objeto quando se masturba” só pode ser realmente levado em consideração se estiver trazendo algum nível de sofrimento para você ou seu(s) parceiro(s). Um ponto bastante positivo é que você está conhecendo melhor seu próprio corpo, aprendendo como melhor reage aos estímulos e, conseqüentemente, sabendo do que você gosta. Assim, ficará mais fácil orientar o seu parceiro na busca pelo prazer.

Espero ter ajudado na masturbação.

Abraço!

Atualmente venho tendo alguns fetiches bem diferentes e estou curtindo, porém, meu maior receio é perder o controle sobre esses desejos que vêm surgindo. Até que ponto o fetiche pode ser considerado algo normal ou doentio?

R.A., Maceió (AL)

Em uma sociedade em que somos cercados de padrões preestabelecidos por religião, família e conceitos morais, qualquer comportamento fora desse contexto pode ser visto como distúrbio, insanidade e imoralidade. As atuais avaliações médicas ainda classificam como Parafilias (ou Transtornos Parafilicos), os fetiches ou qualquer comportamento sexual que não seja a estimulação genital ou as carícias entre parceiros humanos com consentimento.

Uma vez que a expressão da sexualidade tem contornos específicos de cada época e cultura, as parafilias representam um desafio constante na conceituação de transtorno mental, saúde e doença.

A introdução no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5ª Edição) ofereceu a possibilidade de distinção entre comportamentos e transtornos parafilicos, amplificando o espectro de normalidade quanto às práticas sexuais. No entanto, grande parte da sociedade, infelizmente, ainda não assimilou essas mudanças e continua questionando sobre o que exatamente constituem as “aberrações sexuais”. Dentro dessa perspectiva, faz-se necessária a educação sexual, orientando e desestigmatizando as múltiplas facetas da sexualidade humana.

O fetiche começa a se concretizar quando a fonte de prazer sexual ultrapassa apenas o socialmente aceito. Por exemplo: o estímulo ou satisfação sexual não é satisfeito apenas no encontro consensual entre duas pessoas, mas passa a ser direcionado a alguma parte do corpo, a um determinado objeto, a texturas específicas como borracha, couro ou látex, representando simbolicamente o ser desejado ou amado; ou um ato compulsivo envolvendo a exploração corporal.

É imprescindível recordar que o sexo pode ser entendido muito além da penetração e que a prática sexual de um ser humano não denigre o seu caráter nem o faz deixar de ser quem é. É no encontro sexual que o sujeito é detentor total da sua vontade, sendo assim, ele deve praticar conforme o seu desejo e necessidade, desde que não viole o espaço do outro, melhorando e explorando a vida sexual (por meio de fetiches se assim quiser) e livrando-se de paradigmas, mitos, tabus e preconceitos que reprimem o pensamento humano.

Se seus fetiches fazem você e outros felizes sem violar o espaço de ninguém ou trazer algum nível de sofrimento físico ou psicológico para nenhum dos dois, não tem muito o que se preocupar.

Forte abraço!



THE ART OF BEING SPECIAL · THE ART OF BEING BEAUTIFUL

noisy rain

gay art magazine

ONLINE GAY ART MAGAZINE
for artists and art lovers

WWW.NOISYRAIN.COM



moNumento



Modelo: Kevin Lucas. Foto: Kelly Grider.



VOL. 9 · ISSUE III · 019



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

